

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
INSTITUTO DE LETRAS
DEPARTAMENTO DE TEORIA LITERÁRIA E LITERATURA
MESTRADO EM LITERATURA BRASILEIRA

SEBASTIANA LIMA RIBEIRO

**MINHA *CONVERSA* NOSSA DE RELATO:
O DIÁLOGO EM GRANDE SERTÃO: VEREDAS**

Brasília
2010

SEBASTIANA LIMA RIBEIRO

**MINHA *CONVERSA* NOSSA DE RELATO:
O DIÁLOGO EM GRANDE SERTÃO: VEREDAS**

Dissertação apresentada ao Departamento de Teoria Literária e Literaturas da Universidade de Brasília, como parte dos requisitos para obtenção do título de Mestre em Literatura Brasileira.

Orientadora: Prof^ª Dr^ª Elizabeth Hazin

**Brasília
2010**

SEBASTIANA LIMA RIBEIRO

MINHA *CONVERSA* NOSSA DE RELATO: O DIÁLOGO EM GRANDE SERTÃO: VEREDAS

Dissertação apresentada ao Departamento de Teoria Literária e Literaturas da Universidade de Brasília, como parte dos requisitos para obtenção do título de Mestre em Literatura Brasileira.

Banca examinadora:

Prof^a Dr^a Elizabeth Hazin (Orientadora)
Universidade de Brasília (TEL)

Prof^a Dr^a Ana Maria Agra Guimarães
Universidade de Brasília (IdA)

Prof^a Dr^a Adriana de Fátima Barbosa Araújo
Universidade de Brasília (TEL)

Prof. Dr. João Vianney Cavalcanti Nuto (Suplente)
Universidade de Brasília (TEL)

Brasília, ago. 2010

DEDICATÓRIA

À **Elizabeth Hazin**, minha Interlocutora, por mostrar que por detrás do pano da sala de teatro a vida também é um espetáculo.

AGRADECIMENTOS

À minha mãe **Sebastiana de Oliveira Lima**, pelo seu amor a mim dedicado.

Ao meu pai **Francisco Santiago Ribeiro**, pelo carinho e pelas suas músicas que embalsamaram as minhas leituras.

Ao **Gilberto Pereira Alves**, amigo perpétuo de todas as horas.

Ao **Thomaz Antonio Santos Abreu**, cujas conversas mais prezei e apreciei nesta vida.

Ao **Marcelo Tavares**, psicoterapeuta que me ensinou e me ajudou a ver a vida como balança cujos extremos não precisam ser 8 ou 80, mas algo mais equilibrado.

À Dra. **Clarice Dutra Araújo**, por acreditar na minha recuperação e por ser coadjuvante desse processo.

Ao **Cácio José Ferreira**, por mostrar que sempre o novo é possível.

À **Kelli e Kiki**, pelo apoio e paciência. Mais que isso, pela amizade; mais que isso, pela doação, da casa, do espaço, por terem que conviver comigo, minhas crises de choro e de medo. Por terem me proporcionado todas as condições que eu precisava para escrever esta dissertação.

À **Danúzia Queiroz**, pela revisão desta dissertação.

“Nem é por me gabar de retentiva cabedora, nome por nome, mas para alimpar o seguimento de tudo o mais que vou narrar ao senhor, nesta *minha conversa nossa* de relato. O senhor me entende?” (Riobaldo em *Grande sertão: veredas*, 2001, p. 466).

RESUMO

Privilegia-se nesta dissertação a análise da interação conversacional que se dá no romance *Grande sertão: veredas*, de João Guimarães Rosa. Partindo de estudos anteriores que afirmam estarmos aí diante de um monólogo, este trabalho pretende – na direção oposta – sustentar que a longa fala de Riobaldo carrega indícios conversacionais que apontam para a ocorrência de uma interlocução, ou seja, para a presença real de um Interlocutor, cuja voz aí transparece em forma de eco. Assim, faz-se, aqui, um rastreamento dos sinais conversacionais que delimitam os papéis dos dois interlocutores, bem como um delineamento do perfil do Interlocutor, tudo com o intuito de demonstrar a realidade dialógica da obra.

Palavras-chave: *Grande sertão: veredas*. João Guimarães Rosa. Teoria da Conversação.
Interação Conversacional.

ABSTRACT

We privilege, on this dissertation, the analysis of the conversational interaction which occurs in the novel *Grande sertão: veredas*, by João Guimarães Rosa. From previous studies which support that such novel displays a monologue to the reader, our study intends, on the contrary, to support that the long speech of Riobaldo brings conversational evidences which point to the occurrence of an Interlocutor whose voice is revealed as an echo. This study, thus, traces the conversational indications which mark out the role of the interlocutors as well as outlines the Interlocutor's profile, so that it can be demonstrated the dialogic reality of the work.

Keywords: *Grande sertão: veredas*. João Guimarães Rosa. Theory of Conversation.
Conversational Interaction.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	10
CAPÍTULO I MINHA CONVERSA NOSSA DE RELATO: O DIÁLOGO EM GRANDE SERTÃO: VEREDAS	20
a) Situação espacio-temporal	25
b) Número e natureza dos participantes	33
c) Objetivo da interação	34
d) Grau de formalidade e estilo da interação:	44
	43
CAPÍTULO II PERFIL DO INTERLOCUTOR: O SENHOR	
CAPÍTULO III A OCORRÊNCIA DA SITUAÇÃO NARRATIVA DE <i>GRANDE SERTÃO: VEREDAS</i> EM OUTROS TEXTOS LITERÁRIOS	56
CONCLUSÃO	63
REFERÊNCIA	67
ANEXO	77

INTRODUÇÃO

O projeto inicial desta dissertação surgiu de pesquisa, à época da graduação, cujo escopo era a ambiguidade em *Grande sertão: veredas*. A ideia de trabalhar com um tema tão amplo e, por outro lado, já tão perfeitamente discutido na tese de doutoramento de Hazin (1991), levou-me a buscar outras perspectivas daquela obra, que passou a ser objeto de leitura, de pesquisa e de paixão.

Percebi, mesmo antes de completar a primeira leitura, que este livro ressignificaria minha visão como leitora, quiçá, minha visão de mundo, pois junto à magia da obra, fora-me lançado também um desafio. Explico. Estava no 6^o semestre do Curso de Letras, quando me matriculei na disciplina Modernismo Brasileiro, com a professora Elizabeth Hazin. No primeiro dia de aula, ela lança uma pergunta: “O que vocês, alunos da Universidade de Brasília, conhecem da literatura brasileira?” Silêncio. “Já leram *Os sertões*?” Outro silêncio. “O que vocês conhecem de Bandeira? Ou Cabral?” Silêncio, silêncio. Depois de muitas perguntas e muitos silêncios como resposta, veio o desafio: “Algum de vocês já leu *Grande sertão: veredas*, de Guimarães Rosa? Todo mundo já ouvira falar, sobretudo do final intrigante, pois todo professor do ensino médio faz questão de comentar a respeito, mas ninguém, repito, ninguém, tinha lido. Para ir “desmatando o amazonas de minha ignorância” (ANDRADE, 2003, p. 1089) e incitar a leitura, a professora disse que era um livro difícil mesmo, mas que tudo ficaria mais entendível quando Riobaldo chegasse à Fazenda Santa Catarina. Meu desafio era superar as dificuldades que todo leitor iniciante de Rosa tem.

Retomando a questão do medo em relação a Guimarães Rosa, tive que assumir, desde o princípio, que as pesquisas sobre *Grande sertão: veredas*, desde sua publicação, são como uma fonte incessante a jorrar, e, por mais que eu buscasse, sempre teria algo ainda não lido, algo ainda não conhecido, algo que ficara de fora. Então procurei captar, o mais possível, a própria obra em análise. Isto foi o substrato que me levou a percorrer seis anos de pesquisa e ter, como meta, sua conclusão.

Quando nos lançamos a uma pesquisa, pouco ou nada sabemos do ponto de chegada, só do ponto de partida é que temos conhecimento. Nesse sentido, há uma grande semelhança entre a pesquisa e a viagem. Em sentido simbólico, “a viagem exprime um profundo desejo de mudança interior, uma necessidade de experiências novas, mais que um deslocamento físico. Segundo Jung, indica uma insatisfação que leva à busca e à descoberta de novos horizontes.” (CHEVALIER, 1996, p. 952). As duas, a viagem e a pesquisa, modificam inteiramente a experiência de quem as vive. Assim como se descortinam novas visões de mundo com a viagem, abrem-se novas perspectivas a cada livro lido, afinal também os livros conduzem a uma aventura, da qual nunca voltamos os mesmos.

Não importa se, na pesquisa, nos deparamos com algo difícil, quase oculto de se nomear. Diz Abel, personagem-escritor em *Avalovara* de Osman Lins, que é preciso um esforço, quase uma luta corporal, para que se possa conquistar pelo menos um lampejo, entre o segredo das palavras e sua correspondência com o mundo real:

Empenho-me na conquista de uma afinação poética e legível entre a expressão e faces do real que permanecem como que selvagens, abrigadas, pela sua índole secreta, da linguagem e assim do conhecimento. Existem, mas veladas, à espera de nomeação, este segundo nascimento, revelador e definitivo. Consigo, por vezes, rápidas passagens, alcançar o cerne do sensível. O combate quase corporal que sustento com a palavra liga-se a essas perfurações. Um esforço no qual venho amestrando aptidões mais ou menos embotadas; e para o qual, inclusive, convergem as pausas de sombra, os intervalos em que, sem realmente ver e sim apenas revendo, caço oculto. O claro e evidente deixa-me frio (LINS, 2005, p. 208)

Desde a primeira leitura, chamou-me atenção a oralidade do texto, aspecto que facilitou minha leitura. Sentia que a estória de Riobaldo era dirigida a alguém, mas não me percebia como narratário dela, ainda que não conseguisse – àquela altura – perceber com clareza o Interlocutor. Este era – para mim – quase invisível. Mais tarde, já no mestrado, com outras leituras da obra, comentei com os colegas que Riobaldo não estava falando sozinho, mas que remetia sua fala a outra pessoa, ao Interlocutor. A maioria dos meus colegas não concordava comigo, preferia ver *Grande sertão: veredas* como um solilóquio. Então comecei um processo de releitura da obra, agora inteiramente focada no meu interesse, além de tentar descobrir – em textos publicados – o que pensavam outros pesquisadores a respeito da situação narrativa do romance.

Tenório (2006), autor do primeiro texto que vim a ler voltado para esta questão, não sabe a quem se dirige o narrador de *Grande sertão: veredas* e chega inclusive a indagar em seu ensaio: “Quem é essa Esfinge?” Primeiramente, levanta a hipótese de tratar-se do próprio diabo, citando passagem em que Riobaldo pergunta ao visitante se não teria sido ele mesmo que anunciara em Andrequicé ser o diabo em pessoa, quando por ali passara, “por puro divertimento engraçado?” (ROSA, 2001a, p. 25)¹. Todavia conclui que essa figura enigmática jamais poderia ser o diabo, uma vez que o narrador declara, ao final do livro: “O diabo não existe” (ROSA, 2001a, p. 624). Analisando outra fala de Riobaldo – “o senhor ri certas risadas” (ROSA, 2001a, p. 23) – e em um exercício de “transleitura”, Tenório cita Milan Kundera, que diz ter a arte do romance vindo ao mundo como eco do riso de Deus, para chegar a uma segunda conclusão, diametralmente oposta à primeira: “o destinatário enigmático é Deus”. Para este autor, “Nonada” seria tão somente uma invocação, uma prece ao destinatário misterioso a quem o narrador se dirige, e que outro não é senão Deus, a quem ele narra toda sua vida, em um longo monólogo confessional.

Verdadeiramente instigante, inusitada, tal situação narrativa é abordada, ainda, por diversos autores: ora explicitamente como **monólogo**, por Tarso (1978), ou confusamente por Tolgyesy (2004); ora como **monólogo inserto em uma situação dialógica** por Schwarz (1965), Galvão (1972) e Bolle (2004), e por fim como **diálogo**, por Lins (1976), Rónai (1978), Barbosa (1981), Ward (1984), Hazin (1994), Hansen (2000), Arsillo (2001) e Guieiro (2004).

Mesmo nos estudos em que a situação narrativa é descrita como **diálogo**, abre-se um leque de possibilidades quanto à identidade daquele a quem Riobaldo se dirige. Destes, extraímos uma lista que abrange termos como: “problemático interlocutor” (LINS, 2005, p. 77) “suposto interlocutor” (PIRAN, 2004, p. 206), “interlocutor imaginário” (BRANDÃO, 2004, p. 101), “supostamente o Autor” (RONAI, 1978, p. 54), “o autor da obra” (TARSO, 1978, p. 11), “o leitor” (MACHADO; PEREIRA, 2001, p. 77), “Ele (o leitor)” (BRANDÃO, 2004, p.103).

Percebemos que, entre os trabalhos que identificam no romance a presença de um Interlocutor, a maioria o aponta como reles ouvinte, silencioso e silenciado. Cito alguns

⁽¹⁾Sigla utilizada para *Grande sertão: veredas*.

exemplos: “A ironia está no fato de o sertanejo ser o dono absoluto da fala, enquanto o doutor da cidade fica reduzido ao papel de mero ouvinte (BOLLE, 2004, p. 40)”; ou ainda: “é justamente o interlocutor mudo que permite, paradoxalmente, em seu silêncio, a continuidade da narração, que retransforma, traz de novo a inicial – inicial só como esquema de interpretativo – contigüidade em rapsódica continuidade” (ARSILLO, 2001, p. 322).

Mas há os que percebem a presença do Interlocutor como participante de uma conversa: “Enquanto Riobaldo fala, o interlocutor ouve e anota. De vez em quando, responde alguma pergunta de Riobaldo. Às vezes, pergunta para se esclarecer. Riobaldo louva-lhe, com freqüência, a instrução, a sabedoria, a sensatez.” (BARBOSA, 1981, p. 25); ou ainda: “Por meio de um grande diálogo ininterrupto com um interlocutor citadino, que caracteriza a obra de Rosa, Riobaldo revela sua experiência de vida e, paralelamente a isso, reflete sobre seus dramas existenciais nos Gerais” (GUIEIRO, 2004, p. 157), e fechamos o parágrafo com Hazin, que, diferentemente daqueles que associam o Interlocutor ao leitor, distingue perfeitamente um do outro: “Travessia de Riobaldo, travessia do interlocutor, travessia do leitor” (HAZIN, 1994, p. 35).

A opção pela visão da situação narrativa como “monólogo *inserto* em uma situação dialógica”, inaugurada por Schwarz (1965) e endossada por Galvão (1972) e mais tarde por Bolle (2004), gera todo tipo de confusão, pois começa por afirmar que: “sem ser rigorosamente um monólogo, não chega a diálogo” (SCHWARZ, 1965, p. 378) mas, contraditoriamente, mais adiante nega que seja monólogo:

Grande sertão: veredas não se passa no recesso de uma consciência, onde sua ousadia lingüística poderia ser reduzida aos delírios de espírito modorrento: faz-se o diálogo de duas personagens, entre as duas, no espaço social que exige objetivação das relações por meio da língua falada. Trata-se de um fluxo oral (SCHWARZ, 1965, p. 380).

Daí a grande desordem que se estabeleceu desde então e que divide a crítica, ora para afirmar que é um monólogo, ora para afirmar que é um diálogo, ora que é um monólogo inserto em uma situação dialógica. Passamos, pois, à definição desses conceitos, concordando assim com Riobaldo quando desabafa: “eu careço de que o bom seja bom e o ruim ruim, que dum lado esteja o preto e do outro o branco, que o feio fique bem apartado do bonito e a alegria longe da tristeza!” (ROSA, 2001a, p. 237).

Em um breve capítulo intitulado “Homo Loquens”, inserido em seu livro *La Palabra*, Georges Gusdorf (1971) esboça o que ele próprio denomina uma *sociologia da palavra*, enumerando as variedades do exercício da linguagem de um ponto de vista quantitativo. Assim, o número de pessoas envolvidas modificaria as leis do gênero e até mesmo a sua natureza, segundo se tratasse de um monólogo, de um diálogo ou de uma conversação, com numerosos participantes. A intimidade, por exemplo, decresceria à medida que se multiplicassem os falantes: quanto maior o número de participantes, menor a confiança entre eles.

Para esse autor, o monólogo se constitui na mais reduzida das formas dessa sociologia: seu emprego seria absolutamente pessoal. Espécie de linguagem interior, por ele definida como “*palabra casi subterránea, vicio solitario, pues aquello que nos decimos a nosotros mismos, no osaríamos sostenerlo delante de otros*” (GUSDORF, 1971, p. 82). O monólogo jamais seria a expressão da pessoa, mas a encenação de uma existência que não tivesse tido força de tornar-se realidade, o que de modo algum corresponde à natureza do que se ouve pela boca de Riobaldo. Fazendo uma paráfrase bíblica – *não é bom que o homem esteja só para falar* – Gusdorf (1971) afirma que o ponto de partida para o uso da palavra não pode ser o monólogo, mas sim o diálogo. Se o monólogo pode ser um princípio de loucura, o diálogo é visto como o começo da sabedoria. Para mostrar a eficácia do diálogo, busca em Eugenio d’Ors, crítico espanhol, uma imagem belíssima: o diálogo penetraria nos interstícios da alma à semelhança de um pente que, afundando-se em cabelos emaranhados, consegue deixá-los em ordem. Por meio do diálogo, é possível, pois, tornar inteligível a meditação, fazendo com que o indivíduo solitário consiga ler as entrelinhas de seu pensamento, muitas vezes confuso, enredado. Aqui, o interlocutor imprimiria sempre uma direção de consciência que, para além do mero intercâmbio de frases, se constituiria em verdadeira colaboração. O verdadeiro diálogo – lembra Gusdorf – pressupõe uma recepção aberta e receptiva, ao contrário de uma discussão em que cada um quer fazer valer as próprias convicções. No diálogo existe uma possibilidade de salvação e, para que isso aconteça, é preciso que haja uma disposição prévia de acolhimento do outro:

Beneficio de la presencia atenta, como de una hospitalidad espiritual, que excluye el deseo de deslumbrar o de conquistar, La pretensión a la soberanía. El diálogo auténtico sella el encuentro de hombres de buena voluntad, en el cual cada uno aporta para el otro no sólo testimonio de sí mismo, sino también valores comunes. [...] pero esos momentos son raros, y les son concedidos solamente a quienes son

dignos de recibirlos. Los hombres, en su gran mayoría, intercambian opiniones sin dialogar jamás (GUSDORF, 1971, p. 84).

Ora, analisando o conceito de **monólogo interior**, de Reis e Lopes (2007), percebemos que o discurso de Riobaldo não se encaixa nele, pois:

Monólogo interior é uma técnica narrativa que viabiliza a representação da corrente de consciência de uma personagem [...]. Através do monólogo interior abre-se a diegese à expressão do tempo vivencial das personagens, diferente do tempo cronológico linear que comanda o desenrolar das ações (REIS; LOPES, 2007, p. 237).

O relato de Riobaldo não pode ser um monólogo interior, pois este se passa no recesso de uma consciência:

[...] É um discurso sem ouvinte, cuja enunciação acompanha as idéias e as imagens que se desenrolam no fluxo de consciência das personagens. Do ponto de vista formal, o monólogo interior apresenta uma estrutura elíptica sincopada, por vezes caótica: a expressão espontânea de conteúdos psíquicos no seu estado embrionário não se compadece com uma argumentação lógica, racional. Assim, verifica-se no monólogo interior certa fluidez sintática, uma pontuação escassa, uma total liberdade de associações lexicais. O narrador desaparece e a “voz” da personagem atinge o limite possível da autonomização: o presente da atividade mental do eu-personagem é o único ponto de ancoragem (REIS; LOPES, 2007, p. 238).

Como explicitado na última citação, o monólogo interior, é um discurso sem ouvinte, o que não ocorre em *Grande sertão: veredas*, em que a voz do narrador e personagem Riobaldo se faz patente a cada instante na enunciação de seu discurso.

O termo monólogo, em sentido estrito, é definido por Houaiss (2009) como: “ato de falar consigo próprio; solilóquio” ou, ainda, “discurso de pessoa que não deixa outros falarem”. Ora, tal não acontece em *Grande sertão: veredas*, em que ambos, Riobaldo e seu visitante, têm sua vez de falar, como se verá explicitado no Capítulo I.

Seguindo o rol de definições necessárias à consecução do desenvolvimento das questões levantadas logo adiante, tem-se em oposição ao termo *monólogo*, a palavra *diálogo*. De origem grega (CUNHA, 2007, p. 262.), a διάλογος, ou διαλέγω, significando “conversa”,

“diálogo”, que depois de vertido para o latim *dialògus,i*, conservou sua raiz semântica como: ‘diálogo’(FARIA, 1962, p. 306). Das seis acepções que se lê em Houaiss (2009, p. 680), excetuando-se as definições correlacionadas à música e ao teatro, e tomando apenas aquelas que dizem respeito às interações que mais se aproximam do sentido de abordamos nesta pesquisa, temos:

- 1 fala em que há a interação entre dois ou mais indivíduos; colóquio, conversa
- 2 contato e discussão entre duas partes (p. ex., em busca de um acordo); troca de ideias
- 3 conjunto das palavras trocadas pelas personagens de um romance, filme etc.; fala que um autor atribui a cada personagem
- 4 obra em forma de conversação, ger. com fins expositivos, explanatórios ou didáticos

Observa-se, desde sua origem, a sinonímia com o termo *conversa*, sobre a qual, ainda com Houaiss (2009), lê-se:

- 1 troca de palavras, de ideias entre duas ou mais pessoas sobre assunto vago ou específico; colóquio, conversação
- 2 conversação formal, séria, que se destina a desfazer desentendimentos, a repreender, a admoestar etc.
- 3 assunto de que duas ou mais pessoas tratam
- 4 conjunto de palavras ocas; palavreado
- 5 lábia, astúcia
- 6 mentira, invenção

A simples leitura desses termos, colocados assim lado a lado, pouco ou nada dizem, no entanto, é preciso buscar as semelhanças para em seguida apontar as divergências. Se nos detivermos um pouco mais na análise de ambos, perceberemos certo tom de informalidade ligado à *conversa*, em contraposição ao termo *diálogo*, que conserva maior grau de formalidade. O fato de usar as duas palavras no título da dissertação, “*Minha conversa nossa de relato: o diálogo em Grande sertão: vereda*” foi necessário, pois entendemos ao longo da pesquisa que, embora o termo **diálogo** não apareça sequer uma vez na obra em análise –

opção mais que justificada pela coerência vocabular devido a condição sertaneja de Riobaldo –, o termo aparece em pesquisa como a de Buber (2007), utilizada nesta pesquisa ora significando reciprocidade, ora referindo-se ao tratamento que damos para o termo *conversa*. Quanto a este último, além do emprego dos três primeiros sentidos expressos na definição de Houaiss anteriormente explicitada, buscamos em sua origem latina, outras significações que se relacionam ao sentido da interação que Riobaldo mantém com seu Interlocutor, e temos, a partir do verbo conversar: *conversor, áris, átus sum, ári* – “ encontrar-se habitualmente num mesmo local, frequentar, conviver”, que em sentido figurado guarda ainda uma acepção que nos interessa: “intimidade”. A importância desta última acepção foi tão calorosamente buscada, porque ela justifica, perfeitamente, o grau de resguardo em torno da casa de Riobaldo, na qual se dá o encontro entre eles.

Quanto ao tipo de narrador em que se configura Riobaldo, preferimos analisá-lo com o *Dicionário de Narratologia*, de Carlos Reis e Ana Cristina M. Lopes como narrador autodiegético, que

relata suas próprias experiências como personagem central dessa história. [...] um sujeito maduro, tendo vivido importantes experiências e aventuras, relata, a partir dessa posição de maturidade, o devir de sua existência mais ou menos atribulada. O registro em primeira pessoa gramatical que em tais narrativas se manifesta é, pois, uma consequência natural narrador/protagonista [...] O narrador autodiegético aparece como uma entidade colocada num tempo ulterior em relação à história que relata, entendida como conjunto de eventos concluídos e inteiramente conhecidos (REIS; LOPES, 2007, p. 260).

No primeiro momento, procurei selecionar e analisar apenas o material que estivesse relacionado à interação entre Riobaldo e seu Interlocutor, o que me levou objetivamente a separar a narração da narrativa e a observar o emprego dos verbos usados no momento da interlocução. A narrativa remonta aos acontecimentos que se deram na sua **meninice**, na **adolescência** – aos treze ou quatorze anos, quando conheceu o Menino –, no início de sua **juventude** – depois da morte da sua mãe, quando sua vida muda para “uma segunda parte” (GSV, p. 127) –, e durante o período em que – ainda jovem – participou da jagunçagem.

A narração se dá no tempo presente, marcado pela visita do Interlocutor à casa de Riobaldo. Elegi como *corpus* de estudo as sequências em que ocorrem o **diálogo** entre os dois, a que chamarei, aqui, de *conversa*, por ser justamente este o termo usado por Riobaldo,

como se verá no Capítulo I. Para que a descrição dessa conversa fosse possível, dei início às pesquisas sobre Análise Conversacional², Teoria da Enunciação³, Teoria dos Jogos de Linguagem⁴, Teoria dos Atos de Fala⁵, estudo das Máximas Conversacionais⁶ e aspectos da Polidez Linguística⁷.

A respeito do tempo, preferi dar um tratamento, pelo aspecto verbal, ao conceito de tempo presente, tal como o define Corôa (2005):

[...] o momento do evento (ME), o momento da fala (MF) e o momento de referência (MR) são simultâneos. O momento em que se dá o evento é o tempo da predicação. O momento da fala é o tempo da enunciação. E o momento de referência (MR) é o sistema temporal fixo com respeito ao qual se definem simultaneidade e anterioridade, é a perspectiva do tempo relevante, que o falante transmite para o ouvinte, para a contemplação do ME (CORÔA, 2005, p. 41).

Assim, com o presente definido como relação de simultaneidade entre o momento do evento, o momento da fala e o momento de referência, é possível explicitar com maior precisão o tempo em que ocorre a conversa entre Riobaldo e o Interlocutor.

Destaco que a argumentação teórica para se entender a natureza da conversa entre Riobaldo e o Interlocutor centraliza-se, basicamente, nos Capítulos I e II. No Capítulo I, temos uma tipologia da interação entre os dois, com base no modelo de Orecchioni (2006) para interações de natureza verbal, a saber: a) quadro espacio-temporal; b) número e natureza dos participantes, seus estatutos e respectivos papéis; c) objetivo da interação; e d) grau de formalidade e estilo dessa interação.

O Capítulo II versa sobre o perfil do Interlocutor, e aí aparecem destacados os marcadores conversacionais utilizados entre os dois. A partir de Marcuschi (2007) e Preti (2001), busco explicitar dados que marcam o relato por meio da Teoria Conversacional.

⁽²⁾ Os trabalhos de Marcuschi e Preti são os exemplos mais ilustrativos dessa investigação em português. No entanto busquei orientar a pesquisa por Catherine Kerbrat-Orecchioni (francês, com tradução para o português), pela inclusão dos textos literários em suas análises.

⁽³⁾ De Mikhail Bakhtin em *Estética da Criação verbal* (2000), *Problemas da poética de Dostoiévsky* (2000) e *Marxismo e Filosofia da Linguagem* (1986)

⁽⁴⁾ De Wittgenstein em *Investigações Filosóficas* (1996).

⁽⁵⁾ De J. Austin (1990) e, posteriormente, J. Searle (1984).

⁽⁶⁾ De H. P. Grice (1979).

⁽⁷⁾ De Brown e Levinson (1978).

O Capítulo III traz uma amostra de outras obras literárias nas quais se vê a mesma situação narrativa de *Grande sertão: veredas*, algumas do mesmo autor, outras – todavia – de autores como Carlos Drummond de Andrade e Albert Camus.

O desenvolvimento dos capítulos pretende demonstrar que Riobaldo e o Interlocutor mantêm uma conversa, um diálogo, e qual sua importância na configuração de *Grande sertão: veredas*, uma das obras mais geniais da literatura brasileira, que mesmo já tendo sido inúmeras vezes submetida a estudos e análises, não deixa, entretanto, de propiciar novas abordagens.

Concluimos com as palavras de Riobaldo dirigidas ao Interlocutor que norteiam também o leitor quanto à ótica pela qual se pode ler o livro: “É, e não é. O senhor ache e não ache. Tudo é e não é” (ROSA, 2001a, p. 27), uma visão que nada exclui, e em que todas as possibilidades são igualmente importantes por não representarem a totalização da verdade. É basicamente a escolha do tipo de conjunção que torna o pensamento de Riobaldo diverso do de Hamlet. A opção pela conjunção alternativa **ou**, em “ser ou não ser”, implica uma tomada de posição que se direciona em um único sentido, enquanto o uso do **e** aditivo expresso na assertiva de Riobaldo engendra um pensamento plurissignificativo, que engloba em seu bojo a afirmação e a negação da realidade posta.

CAPÍTULO I

MINHA CONVERSA NOSSA DE RELATO: O DIÁLOGO EM GRANDE SERTÃO: VEREDAS

“Nenhum homem é uma ilha, inteiramente isolado; todo homem é um pedaço de continente, uma parte de um todo,” escreve John Donne, poeta inglês do século XVII, em suas *Meditações*, suscitando reflexões acerca das relações interpessoais que constituem o âmago da vida em sociedade. A ilha é, por definição, uma porção de terra afastada do continente e cercada por água doce ou salgada em toda sua extensão; em termos metafóricos, a ilha é o símbolo da solidão, da perda de identidade, da incomunicabilidade, por motivo de seu afastamento.

O homem, ser social por excelência, não é fechado em si mesmo, não é uma ilha. A relação com outros seres humanos acrescenta-lhe, modifica-o, soma-se à sua experiência. O que permite ao homem a união da parte com o todo é a linguagem; ela é o veículo que faculta o intercâmbio de relações para além de si mesmo, tirando-o de sua condição de isolamento e ligando-o aos outros. Com ela, somos e, por meio dela, nos representamos como seres sociais. Influenciamos e somos influenciados pelas trocas comunicativas que se dão no dia a dia, cujo gênero básico é a conversa.

A partir do embate sucessivo com o outro, por meio da linguagem, é facultado ao homem o viver as diferenças e o aprender com elas, já que contrabalanceando as fronteiras do seu eu, ele se faz e se refaz permanentemente. Fechado em sua sozinhidão⁸, o homem dialoga apenas com o silêncio⁹; para conversar é preciso o outro. Conforme assevera Maturana, a linguagem depende de um conjunto de seres humanos imbricados nesta construção:

A linguagem não foi inventada por um indivíduo sozinho na apreensão de um mundo externo. Portanto, ela não pode ser usada como ferramenta para revelar tal mundo. Ao contrário, é dentro da própria linguagem que o ato de conhecer, na coordenação comportamental que é a linguagem, faz surgir um mundo. Percebemo-

⁽⁸⁾ Termo usado em Tutaméia (2001, p. 151), de Guimarães Rosa .

⁽⁹⁾ “O senhor sabe o que o silêncio é? É a gente mesmo, demais” (ROSA, 2001a, p. 438).

nos num mútuo acoplamento lingüístico, não porque a linguagem nos permita dizer o que somos, mas porque somos na linguagem, num contínuo ser nos mundos lingüísticos e semânticos que geramos com os outros. Vemo-nos nesse acoplamento, não como a origem de uma referência nem em relação a uma origem, mas como um modo de contínua transformação no devir do mundo lingüístico que construímos com os outros seres humanos (MATURANA; VARELA, 2001, p. 257).

As interações sociais por excelência acontecem mediante o uso da fala no processo de comunicação oral face a face, cujo tipo mais comum é a conversação. A linguagem é a grande ferramenta do ser humano, mas só a comunicação não lhe basta, é preciso que ele participe ativamente no diálogo e, nesse processo, também é necessário que ele possa perceber o outro. De acordo com Theodore Zeldin: “A conversa não consiste apenas em transmitir informações ou partilhar emoções, não é apenas um meio de meter idéias na cabeça das pessoas.” (2000, p. 22). A conversação genuína consiste em deixar fluir a palavra entre os interlocutores de um diálogo. Neste sentido, podemos entender porque a falha comunicativa entre Alice e Humpty Dumpty é marcada de forma irônica pelo narrador:

“Parece um ovo sem tirar nem pôr!” disse alto, com as mãos prontas para segurá-lo, pois temia que caísse a qualquer momento.
 “É muito irritante”, Humpty Dumpty disse após um longo silêncio, sem olhar para Alice enquanto falava, ‘ser chamado de ovo... muito!’
 “Disse que parecia um ovo, Sir”, Alice explicou gentilmente. “E há ovos muito bonitos, sabe”, acrescentou, na esperança de transformar seu comentário numa espécie de elogio.
 “Certas pessoas”, disse Humpty Dumpty, desviando os olhos dela como sempre, “parecem não ter mais juízo que um bebê!”
 Alice não soube responder. *Aquilo não se parecia nada com uma conversa*, pensou, pois ele nunca dizia nada para ela; *na verdade, seu último comentário foi evidentemente dirigido a uma árvore*, — assim, ficou quieta e repetiu suavemente para si mesma:
 Humpty Dumpty num muro se aboletou,
 Humpty Dumpty lá de cima despencou.
 Todos os cavalos e os homens do Rei a arfar
 Não conseguiram de novo lá para cima o içar.
 “Este último verso parece longo demais para o poema,” acrescentou, quase em voz alta, esquecendo que Humpty Dumpty a ouviria.
 “Não fique aí falando sozinha desse jeito”, Humpty Dumpty disse, olhando para ela pela primeira vez, “melhor dizer seu nome e atividade” (CARROLL, 2002, p. 200) (grifos meus).

Neste trecho de *Alice através do espelho*, em que ela encontra Humpty Dumpty e eles tentam se comunicar, a antipatia gerada pelo comentário de Alice quanto à forma do

personagem o leva a não cooperar para que a conversa se dê, por isso o narrador diz que o comentário foi dirigido a uma árvore. O próprio Humpty diz para ela parar de ficar falando “sozinha”, embora tanto ela quanto ele esteja emitindo enunciados um para o outro, eles entendem que a conversa não começou ainda, pois eles não estão voltados para o mesmo assunto. Não há ainda um diálogo, um entendimento mútuo. Conforme assevera Gadamer, na conversa é preciso que haja um entendimento, um acordo:

A conversação é um processo do acordo. Toda verdadeira conversação implica nossa reação frente ao outro, implica deixar realmente espaço para os seus pontos de vista e colocar-se no seu lugar, não no sentido de querer compreendê-lo como essa individualidade, mas compreender aquilo que ele diz (GADAMER, 1997, p. 499)

Essa atitude de voltar-se um para o outro a fim de compreender o que é dito leva à verificação de até que ponto os participantes estão interessados na conversa, já que cada um contribui a seu turno para que ela ocorra, ora se empenhando em escutar com atenção o que o outro diz, ora falando ou fazendo perguntas ao seu interlocutor.

Segundo Marcuschi, a conversação é uma interação verbal centrada que se desenvolve durante o tempo em que os dois ou mais interlocutores voltam sua atenção visual e cognitiva para uma tarefa comum (MARCUSCHI, 2006, p. 15). Em uma conversa, os interactantes, termo utilizado por Catherine Kerbrat-Orecchioni (2006), encontram-se envolvidos em uma sequência de assuntos que se desenrolam em um determinado tempo.

Em *Grande Sertão: veredas*, Riobaldo assim se posiciona acerca da interação com seu interlocutor: “Nem é por me gabar de retentiva cabedora, nome por nome, mas para alimpar o seguimento e tudo o mais que vou narrar ao senhor, nesta *minha conversa nossa* de relato. O senhor me entende?” (ROSA, 2001a, p. 466) (grifos meus).

Nesse trecho Riobaldo define como serão narradas suas memórias. Ao usar o possessivo “minha” anteposto ao substantivo “conversa”, ele deixa claro que será o condutor da sequência dos eventos, pois ele possui a vivência dos acontecimentos e detém o fio narrativo. O “nossa”, posposto, sugere o caráter par do diálogo, afinal é o interlocutor que alimenta o discurso de Riobaldo, com suas perguntas, risadas, meneios de cabeça, respostas, entre outros sinais de sustentação do diálogo. Ao fim e ao cabo, Riobaldo assinala sua

narrativa como um relato. Este relato se dá oralmente com a representação direta do pensamento e das falas dos personagens mediante uma única fala, a de Riobaldo.

A necessidade de dois interlocutores ou mais e a ocorrência de pelo menos uma troca de turnos entre os falantes exclui o sermão, a conferência, o monólogo etc. das conversações. Riobaldo e seu visitante estabelecem um diálogo em que ocorrem perguntas e respostas.

Como Riobaldo trava uma *conversa* de relato com o Interlocutor, as palavras empregadas fazem parte desse campo semântico. Riobaldo não só troca perguntas e respostas com seu visitante, mas instiga este a confirmar tudo que diz: “senhor pergunte aos moradores” (ROSA, 2001a, p. 24), afinal além de ouvinte atento, o interlocutor de Riobaldo está ali, em viagem, para “conferir o que existe” (ROSA, 2001a, p. 41).

Ao estabelecer seu relato por meio de uma conversa, Riobaldo elabora seu discurso de forma fragmentária, apresentando uma série de reflexões sobre a temática da existência do diabo e sobre a vida dos moradores do sertão, o que demonstra a distância que existe entre os interactantes no início da interação. Falar ao interlocutor acerca do sertão e contar causos são recursos de que Riobaldo se vale para ganhar confiança do Interlocutor, com o intuito de, mais tarde, lhe falar sobre sua experiência pessoal.

A conversa entre Riobaldo e o Interlocutor se dá com alternância de turnos, cada um tendo sua vez de falar e de ouvir. O que particulariza, todavia, o caso de GSV – e que precisa ser pontuado – é que a fala do interlocutor não aparece diretamente no texto que o leitor tem em mãos, mas sim retomada em forma de eco na fala do próprio Riobaldo, o que leva muitos a dizerem que se trata de um monólogo. Ora, o fato de não reproduzir *ipsis litteris* o que diz o Interlocutor, mas apenas mostrar o eco de sua fala na de Riobaldo, demonstra a perspicácia da técnica usada por Guimarães Rosa, que usa um modo completamente inventivo de representar o diálogo, modo que se repete em alguns de seus contos, como será visto mais adiante. De acordo com Roberto Schwarz, trata-se de “diálogo visto por uma face” (SCHWARZ, 1965, p. 379).

Observem-se os dois trechos em que Riobaldo pergunta ao interlocutor se ele acredita na existência do diabo, para citar um exemplo. O leitor se dará conta da resposta, nas palavras seguintes de Riobaldo que além de repeti-las, diz que era exatamente o que esperava ouvir de pessoa instruída como ele: “Mas, não me diga que o senhor, assisado e instruído, que acredita

na pessoa dele?! Não?! Lhe agradeço! Sua alta opinião compõe minha valia. Já sabia, esperava por ela — já o campo!” (ROSA, 2001a, p. 26).

Vemos, então, com clareza, a troca de turnos entre eles que, seguramente, constituem um par adjacente, do tipo pergunta-resposta¹⁰, em que os parceiros produzem cada um uma parte de um enunciado e alternam na produção e na sustentação da conversa, cada um cooperando para que esta possa fluir. O mesmo modelo, com a mesma temática surge logo adiante, exemplo que reforça mais uma vez a estrutura conversacional aqui delineada:

Agora, bem: não queria tocar nisso mais — de o Tinhoso; chega. Mas tem um porém: *pergunta*: o senhor acredita, acha fio de verdade nessa parlanda, de com o demônio se poder tratar pacto? *Não, não é não?* Sei que não há. Falava das favas. Mas gosto de toda boa confirmação (ROSA, 2001a, p. 40) (grifos meus).

Nesse trecho, o estabelecimento claro de um diálogo entre os interactantes ocorre por meio do par adjacente do tipo pergunta-resposta e ainda com direito a réplica, conforme a seguinte ordem: 1) Riobaldo pergunta ao Interlocutor se ele acredita ser possível fazer pacto com o diabo; 2) o Interlocutor responde que não acredita; 3) Riobaldo repete a negativa do Interlocutor, o que corresponde à sua primeira afirmativa (de que o próprio Riobaldo também não acredita na possibilidade de pacto), o que se verifica adiante por meio da sentença “gosto de toda boa confirmação”.

Essa sequência dá conta da participação do Interlocutor no relato de Riobaldo, alimentando o seu pensamento e até o fluir do seu discurso. Riobaldo fala *para* e *com* seu Interlocutor, e na medida em que propõe perguntas, ouve as respostas e faz réplicas a estas, tem o diálogo afetado e sustentado pela participação do seu visitante. Segundo Martin Buber, “o diálogo genuíno só se dá em clima de reciprocidade, quando cada participante experimenta a relação também ‘do outro lado’, sem contudo abdicar à especificidade própria.” (BUBER, 2007, p. 8). Quando há um desequilíbrio dos papéis conversacionais, pode-se falar em assimetria ou complementaridade da relação dialógica.¹¹ Na conversa entre Riobaldo e o

⁽¹⁰⁾ Segundo Marcushi (2007) o par adjacente é uma produção seqüenciada entre dois falantes em que um deles produz uma primeira parte (ação relevante) e o outro produz a segunda complementar (reação correspondente), condicionada pela primeira.

⁽¹¹⁾ Os diálogos assimétricos, na visão de Marcuschi (2006), são caracterizados pela predominância de um dos participantes, este, por sua vez, tem o direito de iniciar, orientar, dirigir e concluir a interação e exercer pressão sobre o(s) outro(s) participante(s). Já para Kerbrat-Orecchioni (2006), os papéis que marcam relativa estabilidade

interlocutor há certa assimetria, mas que não se sobrepõe ao equilíbrio de interesses que existe entre o Interlocutor, que está em viagem pelo sertão, anotando e revisitando determinados lugares, e Riobaldo, que conhece o sertão e deseja contar sua estória. Este assume o duplo papel de narrador e personagem principal, narra a partir do tempo presente sobre o presente, mas sobretudo, sobre eventos ocorridos no passado: sua meninice, adolescência e sua vida de jagunço.

Nesse sentido, esta dissertação encaminha-se para a seguinte formulação: em *Grande sertão: veredas* acontece uma conversa entre Riobaldo e seu Interlocutor no decurso de três dias, na casa do primeiro, em que ambos permutam os papéis de falante e ouvinte, assimetricamente marcada pela predominância da fala de Riobaldo.

Observando a natureza essencialmente dialógica da interação que ocorre ao longo da narração de GSV, estabelecerei aqui uma tipologia dessa interação, seguindo o modelo de Orecchioni (2006), para as interações de natureza verbal. Assim, delimitarei tópicos que tratam de aspectos da interação em GSV, a saber: a) situação espácio-temporal; b) número e natureza dos participantes, seu estatuto e respectivos papéis; c) objetivo da interação; e d) grau de formalidade e estilo dessa interação.

a) Situação espácio-temporal

O espaço em que ocorre a longa conversa só aos poucos vai sendo delimitado, porque as informações são ditas de maneira fragmentária, talvez até por uma questão de estratégia discursiva: “devido que mesmo um contador habilidoso não ajeita de relatar as peripécias todas de uma vez” (ROSA, 2001a, p. 433). Riobaldo-narrador não diz diretamente onde está, mas vai disseminando pistas do lugar em que se encontra ao longo da narrativa: A constante referência ao sertão situa o diálogo com o Interlocutor neste ambiente: “O senhor tolere, isto é o sertão” (ROSA, 2001a, p. 23), mas para delimitar melhor corrobora adiante:

Lugar sertão se divulga: é onde os pastos carecem de fechos; onde um pode torar dez, quinze léguas, sem topar com casa de morador; e onde criminoso vive seu cristo-jesus, arredado do arrocho de autoridade. O Urucua vem dos montões oestes. Mas, hoje, que na beira dele, tudo dá – fazendões de fazendas, almargem de vargens

ao longo da troca são caracterizados como complementares, tais como: médico/paciente, professor/aluno, vendedor/cliente, especialista/leigo, entrevistador/entrevistado.

de bom render, as vazantes; culturas que vão de mata em mata, madeiras de grossura, até ainda virgens dessas lá há. O *gerais* corre em volta. Esses gerais são sem tamanho. (ROSA, 2001a, p. 24)

Apesar de se referir ao sertão de forma universal –“o sertão está em toda parte” – (ROSA, 2001a, p. 24) – ou até mesmo como uma ontologia “Sertão: é dentro da gente” (ROSA, 2001a, p. 325), o sertão enquanto espaço físico referido por Riobaldo corresponde geograficamente ao sertão mineiro-goiano-baiano (GSV 2001, p. 322, 73 e 61, respectivamente). No entanto, esse limite, por vezes, é extrapolado: “O sertão é do tamanho do mundo” (ROSA, 2001a, p. 89), “O sertão é sem lugar.” (ROSA, 2001a, p. 370), ou é um limite a ser extrapolado: “sertão é onde o pensamento da gente se forma mais forte do que o poder do lugar.” (ROSA, 2001a, p. 41).

Mesmo com toda a ambiguidade na representação do espaço da narração, é possível percebê-lo, situá-lo ainda que de forma imprecisa. Assim, temos logo nas primeiras palavras de Riobaldo que: “Para os do Corinto e do Curvelo, então, o aqui não é o dito sertão?” (ROSA, 2001a, p. 24), que parecem se referir ao sertão de forma tão genérica que ignoramos o advérbio de lugar “aqui”, incluindo o local onde o narrador está no momento da enunciação de sua fala. Sabemos que ele herdou duas fazendas de Selorico Mendes, das três que ele possuía: “Ele era rico e somítico, possuía três fazendas-de-gado” (ROSA, 2001a, p. 127) e acrescenta: “*Aqui* também dele foi, *a maior de todas.*” (ROSA, 2001a, p. 127) (grifos meus) Confirmando assim que não se encontra no São Gregório, mas em outra fazenda, a maior de todas, tal qual dissera antes: “E me deixou por herdeiro, em folha de testamento: das três fazendas, duas peguei. Só o São Gregório foi que ele testou para uma mulata, com que no fim de sua velhice se ajuntou. Disso não fiz conta. Mesmo o que recebi eu menos merecia.”(ROSA, 2001a, p. 131).

Quase ao fim de sua narração ao Interlocutor é que Riobaldo confessa, ainda que ambigualmente, a localização de suas fazendas: “E as duas maiores fazendas ele tinha deixado para mim, em cédula de testamento. Seô Habão queria logo me levar lá, no Currealim, no Corinto, para eu entrar em paz de posses” (ROSA, 2001a, p. 620). Tal ambigüidade consiste em justapor os dois nomes da mesma cidade. Pois, Corinto é o próprio “Currealim”, que mudou de nome em 1923:

O **povoado de Curralinho** fazia parte do território do **Distrito do Pilar**, município de **Curvelo**, criado pela Lei Estadual nº 02, de 14 de setembro de 1891. Mas esse distrito só foi instalado em 1908, porém não no Pilar, mas no povoado de **Curralinho**, que, após a chegada da ferrovia, tinha atingido grande desenvolvimento. A vila de **Curralinho** passara a chamar-se **Corinto**, nome este sugerido pelo tipógrafo e jornalista **Antônio Marta Pertence**, vindo do **Rio de Janeiro** e que ali se instalara, numa pretensa alusão à cidade do mesmo nome, na distante **Grécia**, com o apoio de toda a comunidade, em 1923, ano em que foi criado o município, no dia 7 de setembro (disponível em: <<http://corinto.cantaminas.com.br/historia.htm>>. Acesso: 20 maio 2010) (grifos do original).

Então a região onde fica a fazenda que Riobaldo herdou de Selorico Mendes fica em Corinto, antiga “Paragem do Curralinho”, ou apenas “Curralinho”, região demarcada pelo Rio São Francisco, Rio Paraopeba e Rio da Velhas (antigo Guaicuí):

A história de **Corinto**, em seus primórdios, é mais ou menos a mesma de toda a mesopotâmia formada pelos rios **São Francisco**, **Paraopeba** e **Guaicuí (rio das Velhas)**, limitada ao sul por uma linha imaginária que margeia a Zona Metalúrgica, ligando estes dois últimos cursos d'água, formando um paralelogramo alongado, não muito perfeito (disponível em: <<http://corinto.cantaminas.com.br/historia.htm>>. Acesso: 20 maio 2010).

Quase ao final da conversa, Riobaldo diz: “Agora estou aqui, quase barranqueiro. Para a velhice vou, com ordem e trabalho.” (ROSA, 2001a, p. 623). A referência direta ao São Francisco, logo em seguida: “O Rio de São Francisco – que de tão grande se comparece” (ROSA, 2001a, p. 624), aponta para a região delimitada, já que a expressão “barranqueiro” refere-se a habitante ribeirinho do São Francisco (MARTINS, 2001, p. 65). Em outro momento, cita mais uma vez a proximidade da sua moradia com o percurso das águas como veremos mais adiante:

Do jeito é que retorço meus dias: repensando. Assentado nesta boa cadeira grandalhona de espreguiçar, que é das de Carinhonha. Tenho saquinho de relíquias. Sou um homem ignorante. Gosto de ser. Não é só no escuro que a gente percebe a luzinha dividida? Eu quero ver essas águas, a lume de lua... (ROSA, 2001a, p. 325).

É na região de Corinto que se encontra a casa definitiva de Riobaldo, a casa na qual ele recebe a visita de seu Interlocutor, e na qual acontece esta conversa de relato. Diante disso, deve-se ressaltar que a casa é o espaço da interioridade, mais que isso “a casa é nosso canto

no mundo. Ela é como se diz, nosso primeiro universo” (BACHELARD, 1974, p. 358). O fato de trazer o Interlocutor para sua casa, que é um ambiente íntimo, pessoal e de proteção, significa que Riobaldo depõe nele confiança e respeito. Para se ter clareza da noção de resguardo e proteção que cerca a casa de Riobaldo, vemos que ele diz, logo no início da conversa, estar cercado de sua gente:

E sozinho não estou, há-de-o. Pra não isso, hei colocado redor meu minha gente. Olhe o senhor: aqui, pegado, vereda abaixo, o Paspé – meeiro meu – é meu. Mais légua, se tanto, tem o Acauã, e tem o Compadre Ciril, ele e três filhos, sei que servem. Banda desta mão, o Alaripe: soubesse o senhor o que é que se preza, em rifleio e à faca, um cearense feito esse! Depois mais: o João Nonato, o Quipes, o Pacamã-de-Presas. E o Fafafa – este deu lances altos, todo lado comigo, no combate velho do Tamanduá-tão: limpamos o vento de quem não tinha ordem de respirar, e antes esses desrodeamos... O Fafafa tem uma eguada. Ele cria cavalos bons. Até um pouco mais longe, no pé-de-serra, de bando meu foram o Sesfrêdo, Jesualdo, o Nelson e João Concliz. Uns outros. O Triol... E não vou valendo? Deixo terra com eles, deles o que é meu é, fechamos que nem irmãos. Para que eu quero ajuntar riqueza? Estão aí, de armas areiadas. Inimigo vier, a gente cruza chamado, ajuntamos: é hora dum bom tiroteamento em paz, exp'rimentem ver (ROSA, 2001a, p. 40).

Esta sua gente, amigos fiéis, é que o acompanhou anos atrás quando ele desapoderou-se da chefia da jagunçagem por conta da morte de Diadorim. Sendo que dois deles, o Nelson e Sesfrêdo, vieram depois:

Ao que eu ia, de repente, me vinha um assombramento de espírito, muita vez tonteei, de ter de me segurar, de cair; e, depois, durante muitos espaços, eu restava esquecido de tudo, de quem eu era, de meu nome. Mas o Alaripe, Pacamã-de-Presas, o Quipes, o Triol, Jesualdo, o Acauã, João Concliz, e o Paspé, me cuidavam; esses tinham, por toda a lei, forçado de me acompanharem, vinham comigo; e o Fafafa, mais João Nonato e Compadre Ciril, que vieram depois. Amigos meus. Ai eu vinha (ROSA, 2001a, p. 617).

Toda essa gente que o cerca e lhe dá proteção, e com quem ele deixa suas terras em empréstimo, é constituída de ex-jagunços também. Junto com Riobaldo formam o conjunto de doze, que é um número com forte carga simbólica. 12 x 30 resulta 360 dias, como um número redondo para o ano, e também a divisão em graus do círculo. O ano dividido em doze signos constitui o zodíaco. A lei de doze tábuas constituía a base do direito romano. Na *Bíblia*, há inúmeras referências ao número doze como símbolo da perfeição. A casa de Riobaldo, como o próprio Riobaldo, é a imagem perfeita da fortaleza interior muito bem guardada, protegida: “a imagem da casa se transforma na topografia de nosso ser íntimo”

(BACHELARD, 1974, p. 354). É por isso que só aos poucos ele vai abrindo para o Interlocutor o seu interior por meio de uma conversa extensa, que dura três dias:

A casa, na vida do homem, afasta contingências, multiplica seus conselhos de continuidade. Sem ela o homem estaria disperso. Ela mantém o homem através das tempestades do céu e das tempestades da vida. Ela é o corpo e alma. É o primeiro mundo do ser humano. Antes de ser “atirado ao mundo”, como o professam os metafísicos apressados, o homem é colocado no berço da casa. E sempre, em nossos devaneios, a casa é um grande berço [...] A vida começa bem; começa fechada, protegida, agasalhada no seio da casa (BACHELARD, 1974, p. 359).

O local em que Riobaldo nasceu – Alegres – depois conhecido como João Pinheiro¹² fica guardado em sua memória como resíduo de suas lembranças de menino. Um lugar-símbolo da identidade pessoal, Alegres, deveria estar imune à mudança toponímica, por ser sua primeira casa:

no sertãozinho de minha terra – baixo da ponta da Serra das maravilhas, no entre essa e a Serra dos Alegres, tapera dum sítio dito do Caramujo, atrás das fontes do Verde, o Verde que verte no Paracatu. Perto de lá tem vila grande – que se chamou *Alegres* – o senhor vá ver. Hoje mudou de nome, mudaram. mudaram [...] Nome de lugar onde alguém já nasceu, devia de estar sagrado (ROSA, 2001a, p. 58) (grifo do original).

Ao sair de Alegres, Riobaldo e sua mãe passam a morar no baixio da Sirga, sua segunda casa. Desta sua rápida passagem há poucas referências: “Ficamos existindo em

⁽¹²⁾ O lugar a que se refere Riobaldo é um lugar real, mas na ficção ele não fornece o nome para que mudou Alegres, em consulta às cidades mineiras temos no *site* da prefeitura de João Pinheiro que: “Pela Lei Provincial nº 1 993, de 13 de novembro de 1873, o povoado foi elevado à categoria de Vila com o nome de Alegres. No entanto, a vila não chegou a ser instalada. Alfredo Moreira Pinto, em 1887, no livro "*Apontamentos para o Dicionário Geográfico do Brasil*" menciona, na página 173: "**Alegres**, Villa e município da província de Minas Geraes, na Comarca de Paracatu, banhada pelos rios Verde e Catinga, Tribunais de Paracatu, próxima a serra de Andrequicé.[...] Em 30 de agosto de 1911, com a Lei nº 556, a Vila foi elevada à categoria de município, contando, além da sede (Santana dos Alegres), com os distritos de Canabrava, Catinga e Veredas. A referida Lei não alterou a denominação do distrito-sede. Em 7 de setembro de 1923, pela Lei nº 843, o município passa à toponímia de **João Pinheiro**, em homenagem ao ex-governador do Estado de Minas Gerais. Disponível em: <http://www.joaopinheiro.com/index.php?option=com_content&view=article&id=47&Itemid=54>. Acesso em: 21 mar. 2010.

território baixio da Sirga, da outra banda, ali onde o de-Janeiro vai no São Francisco, o senhor sabe. Eu estava com uns treze ou quatorze anos...”(ROSA, 2001a, p. 59). Esta segunda casa também é provisória, pois Riobaldo a deixa logo após a morte de sua mãe, a Bigri:

Ela morreu [minha mãe], como a minha vida mudou para uma segunda parte. [...] Até que um vizinho caridoso cumpriu de me levar, por causa das chuvas numa viagem durada de seis dias, para a Fazenda São Gregório, de meu padrinho Selorico Mendes, na beira da estrada boiadeira, entre o rumo do Curralinho e o do Bagre, onde as serras vão descendo. Tanto que cheguei lá, meu padrinho Selorico Mendes me aceitou com grandes bondades. Ele era rico e somítico, possuía três fazendas-degado. Aqui também dele foi, a maior de todas (ROSA, 2001a, p. 127).

A terceira casa, o São Gregório, é a casa que marca verdadeiramente a vida de Riobaldo, é nela que ele vive a ascensão social, deixando de lado sua vida de menino pobre-paupérrimo, ao deixar a casa materna levando seus poucos pertences que couberam numa “trouxa, como coube na metade de um saco” (ROSA, 2001a, p. 127), daí a mudança radical: “a minha vida mudou para uma segunda parte” (ROSA, 2001a, p. 127). É nesta casa que forma seu imaginário de mundo da coragem, pelos feitos da jagunçagem, citados por seu padrinho (pai) quando conta que conheceu Neco¹³. É nela, ainda, que ele mesmo vive uma noite encantatória ao ver Joca Ramiro na sala de jantar. E, por fim, é ainda, no São Gregório que ele ouve a canção de Siruiz, que marcará toda a sua trajetória de poeta.

A fazenda São Gregório é mais que a casa paternal de Riobaldo, ela é sua casa onírica: “existe para cada um de nós uma casa onírica, uma casa de lembrança-sonho, perdida na sombra de um além do passado verdadeiro. Essa casa onírica é a cripta da casa natal.” Quando

⁽¹³⁾ Neco é uma personagem histórica conhecida como Neco de Barros, cujo nome completo era Manuel de Barros Souza, que liderou a Revolta dos Quebra-Quilos, em 1974, e com Alexandre Viveiros invadiram a cadeia da cidade (Campina Grande) e libertaram os presos, incendiaram o cartório local e os arquivos da prefeitura. “Da mesma forma, em mais de setenta outras localidades nordestinas o povo se rebelou invadindo as Câmaras e destruindo as medidas e os editais. Diversos motivos determinaram o descontentamento da população. Uma delas foi a cobrança de taxas para o aluguel e aferição dos novos padrões do sistema métrico – balanças, pesos e vasilha de medidas. A lei que os criara proibia a utilização dos antigos padrões, e os seus substitutos deveriam ser alugados ou comprados na Câmara Municipal à razão de 320 réis por carga”. Disponível em: <<http://www.fernandodannemann.recantodasletras.com.br/visualizar.php?id=225518>>. Acesso em: 23 maio 2010.

está entre os hermógenes à caça de Zé Bebelo, Riobaldo compara sua vida atual de jagunço com sua vida no São Gregório e diz para o Interlocutor que padecia falta de lá, é sempre de lá que ele se recorda:

A ver, como o Fafafa abria uma cova quadrada no chão, ajuntava ali brasas grandes, direto no brasal mal-assasse pedaço de carne escorrendo sangue, pouco e pouco revirava com a ponta do facão, só pelo chiar. Disso, definitivo não gostei. A saudade minha maior era de uma comidinha guisada: um frango com quiabo e abóbora-d'água e caldo, um refogado de caruru com ofa de angu. Senti padecida falta do São Gregório – bem que a minha vidinha lá era mestra. Diadorim notou meus males. Me disse consolo: – “Riobaldo, tem tempos melhores. Por ora, estamos acuados em buraco...” Assistir com Diadorim, e ouvir uma palavrinha dele, me abastava aninhado (ROSA, 2001a, p. 185).

Essa vida que Riobaldo evoca em seus pensamentos diz respeito às regalias que desfrutava no São Gregório, daí o adjetivo “mestra”, em contraposição ao momento relatado ao Interlocutor em que Riobaldo não possuía o abrigo de uma casa com seus costumes, suas comidas de tradição. Mais adiante, quando Riobaldo descansa da esquadra que fizera no dia anterior com os homens liderados por Hermógenes, ainda no combate a Zé Bebelo, põe-se a pensar em Diadorim, e em seguida a sonhar acordado com o São Gregório:

Eu já não presenciava nada, nem escutava possuído – fiquei sonhejando: o ir do ar, meus confins. Aí pensei no São Gregório? A bem, no São Gregório, não; mas peguei saudade dos passarinhos de lá, do poço no córrego, do batido do monjolo dia e noite, da cozinha grande com fofalha acesa, dos cômodos sombrios da casa, dos currais adiante, da varanda de ver nuvens (ROSA, 2001a, p. 191).

Nem dormindo, nem completamente acordado, Riobaldo está “sonhejando” com sua casa natal, afinal “a casa é um dos maiores poderes de integração para os pensamentos, as lembranças e os sonhos do homem” (BACHELARD, 1974, p. 359). As lembranças da sua casa natal vêm à tona em vários momentos, desde as dificuldades referidas na página 185 a momentos que são de tranquilidade e nostalgia, como os que vive quando está na Fazenda Santa Catarina:

Depois de tantas guerras, eu achava um valor viável em tudo que era cordato e correntio, na tiração de leite, num papudo que ia carregando lata de lavagem para o chiqueiro, nas galinhas-d'angola ciscando às carreiras no fedegoso-bravo, com florezinhas amarelas, e no vassoural comido baixo, pelo gado e pelos porcos. Figuro

que naquela ocasião tive curta saudade do São Gregório, com uma vontade vã de ser dono de meu chão, meu por posse e continuados trabalhos, trabalho de segurar a alma e endurecer as mãos. Estas coisas eu pensava repassadas (ROSA, 2001a, p. 205).

Esse adejo do pensamento à casa natal – o São Gregório – está presente no relato de Riobaldo, pois ao contar sua estória para o Interlocutor, ele revive-a. Rememorar é trazer à consciência eventos esquecidos: “É justamente porque as lembranças das antigas moradias são revividas como devaneios que as moradias do passado são em nós imperecíveis.” (BACHELARD, 1974, p. 359). Quando vai às *Veredas-Mortas*, o “Lugar não onde” (ROSA, 2001a, p. 113), no instante do pacto, revive mais uma vez as lembranças da morada paterna. No entanto, o simbolismo do qual reveste a casa, pela referência ao rio que adentra aos limites da própria casa, torna a imagem tão ambígua quanto o momento que vive:

Como que adquirisse minhas palavras todas; fechou o arrocho do assunto. Ao que eu recebi de volta um adejo, um gozo de agarro, daí umas tranqüilidades – de pancada. Lembrei dum rio que viesse adentro a casa de meu pai. Vi as asas. Arqueei o puxo do poder meu, naquele átimo (ROSA, 2001a, p. 438).

As diversas referências ao São Gregório, a casa onírica de Riobaldo, apontam para a noção de proteção e resguardo que ele formou como referência em sua consciência. Mas sua casa definitiva, no momento da narração ao Interlocutor, é a de Corinto. O tempo da narração está literalmente definido com a duração de três dias, mas semelhantemente ao que acontece ao espaço, ele encontra-se de forma velada na narrativa. Os interlocutores devem interagir dentro de uma unidade temporal.¹⁴ Dessa forma, temos a delimitação espacio-temporal em que se contextualiza a interação, sendo o espaço de natureza privada — a casa de Riobaldo no Corinto — e a duração definida como três dias:

Eh! Que se vai? Jâjá? É que não. Hoje, não. Amanhã, não. Não consinto. O senhor me desculpe, mas empenho de minha amizade: o senhor fica. Depois, quinta de manhã-cedo, o senhor querendo ir, então vai, mesmo me deixa sentindo sua falta. Mas, hoje ou amanhã, não. Visita, aqui em casa comigo, é por três dias! (ROSA, 2001a, p. 41).

⁽¹⁴⁾ Desconsiderando textos escritos como as cartas, e-mails etc. e tomando GSV como exemplo de fluxo oral, conforme assevera Schwarz (1965), ou ainda, é um discurso baseado no modelo oral, como afirma Ward (1984).

Considerando ainda o tempo em se que dá a interlocução, nos deparamos com a marcação da primeira pausa na interlocução, referente ao fim do primeiro dia: “De sorte que, do que eu estava contando, ao senhor, uma noite se passou, todo o mundo sonhado satisfeito.” (ROSA, 2001a, p. 59). Adiante, quando conta da travessia do São Francisco, junto ao o Menino, situa a narração do segundo e do terceiro dia: “Mais hoje, mais amanhã, quer ver que o senhor põe uma resposta. Assim, o senhor já me compraz” (ROSA, 2001a, p. 126). Quando chega ao terceiro dia, Riobaldo prepara seu Interlocutor para o fim de sua narração: “Somenos sei, e conto mal certo, o que os três dias foram, no seguinte. Se soalerte o senhor, que estamos descambando: o senhor mesmo se prepare; que para fim terrível, terrivelmente.” (ROSA, 2001a, p. 574). O fim da narração não marca o fim da conversa, com a morte de Diadorim Riobaldo anuncia:

Aqui a estória se acabou.

Aqui, a estória acabada.

Aqui a estória acaba (ROSA, 2001a, p. 616).

Com o fim do relato, Riobaldo retoma a conversa para agradecer e confirmar suas ideias de ordem metafísica, em que ambos chegam à mesma conclusão: “o Diabo não existe.” (ROSA, 2001a, p. 624). O que existe é homem humano, demasiado humano.

b) Número e natureza dos participantes

A situação inicial do leitor de GSV é semelhante à de alguém transportado a um quarto escuro: em princípio, nada enxerga, só aos poucos vai se adaptando à situação e conseguindo ver o lugar que lhe circunda: “Não convém a gente levantar escândalo de começo, só aos poucos é que o escuro é claro” (ROSA, 2001a, p. 207). A aparente obscuridade inicial é relativa ao tipo de linguagem usada na obra, uma linguagem baseada no modelo oral da linguagem do sertão, bem como a constante hesitação de Riobaldo de contar ou não a história.

De início, a situação interativa em GSV se configura como um diálogo, pois há pistas textuais que, aos poucos, clareiam a interpretação, tais como: o travessão que abre o parágrafo

e o uso recorrente do pronome de tratamento “senhor”, naturalmente dirigido a outra pessoa do discurso, diferente do emissor. Esses dois recursos marcam a presença de um dos interactantes no diálogo. De um lado Riobaldo: “eu Riobaldo, jagunço, homem de matar e morrer com a minha valentia. Riobaldo, homem, eu, sem pai, sem mãe, sem apego nenhum, sem pertencências.” De outro, o Interlocutor: “O senhor é um homem soberano, circunspecto” (ROSA, 2001a, p. 624). Este senhor a quem Riobaldo se dirige, será melhor delimitado no Capítulo II – Perfil do interlocutor.

Os papéis sociais que caracterizam Riobaldo e seu visitante são respectivamente: o de fazendeiro abastado e ex-jagunço, o primeiro; e o de doutor instruído e morador da cidade, o segundo. Entre as relações mútuas que envolvem os participantes, deve-se ressaltar o caráter amistoso e cordial que os envolve: “Amigos somos” (ROSA, 2001a, p. 624).

Dado que a comunicação interativa que caracteriza o presente narrativo da obra se restringe a duas pessoas, Riobaldo e seu visitante, cujo exercício dos papéis de emissor e receptor se permutam, temos aí caracterizado o diálogo. No entanto, a distribuição dos papéis interacionais é hierarquicamente marcada, com predominância da fala de Riobaldo no uso da palavra, o que nos leva a encarar esse diálogo como assimétrico, fato já explicado anteriormente.

c) Objetivo da interação

A visita do doutor à casa de Riobaldo, que resulta numa longa conversa, é do interesse dos dois. Já que por um lado o Interlocutor está em viagem por “estes territórios a fim de conhecer o que existe” (ROSA, 2001a, p.41). E quando se sai para o mundo, em viagem, descortinam-se novos campos do saber e do viver. É sempre acrescentado algo à experiência daquele que viaja. Sair de casa é sair de uma vida modelada com uma noção de continuidade, de repetição. A viagem, pelo espírito desbravador e inaugural, mostra-se como a experiência da maturidade em que o ser aprende a enfrentar as adversidades, os perigos que pode encontrar no caminho, nos quais vai adquirindo força e conhecimento para, talvez um dia, retornar. Riobaldo quer contar suas experiências e para isso recebe em sua casa este viajante que o leva a relatar suas memórias. Esta conversa gira em torno da viagem do Interlocutor –

motivo de sua presença na casa de Riobaldo – e da experiência de vida de Riobaldo. A viagem será comentada no capítulo II – Perfil do interlocutor.

Existem quatro motivos que alimentam o relato de Riobaldo a esse Interlocutor especificamente. Com seu relato e sua longa fala, Riobaldo quer aprender a arte de contar corrigido, pedir um conselho, confirmar suas ideias de ordem metafísica e liberar-se de sofrimentos vividos por meio do rito da palavra.

Se Riobaldo estivesse falando sozinho, e todos os questionamentos aludidos em GSV se passassem no recesso de sua consciência, poderíamos, talvez, pensar em monólogo, mas as referências à outra pessoa presente como ouvinte lhe servem como organizador de seu discurso.

Essas coisas todas se passaram tempos depois. Talhei de avanço, em minha história. O senhor tolere minhas más devassas no contar. É ignorância. Eu não converso com ninguém de fora, quase. Não sei contar direito. Aprendi um pouco foi com o compadre meu Quelemém; mas ele quer saber tudo diverso: quer não é o caso inteirado em si, mas a sobre-coisa, a outra-coisa. Agora, neste dia nosso, com o senhor mesmo – me escutando com devoção assim – é que aos poucos vou indo aprendendo a contar corrigido (ROSA, 2001a, p. 214).

O Interlocutor envolvido na conversa cumpre a função de receptor não passivo do discurso e sua participação contribui para o desenvolvimento da sequência narrativa. Já que Riobaldo sempre pede sua participação na ordenação de sua fala: “O senhor me organiza?” (ROSA, 2001a, p. 381). Riobaldo precisa da ajuda do seu ouvinte para executar o ato de contar, pedindo sempre que este também lhe sirva de organizador do discurso:

o senhor me ouve, pensa e repensa, e rediz, então me ajuda. [...] Lhe falo do sertão. Do que não sei. Um grande sertão! Não sei. Ninguém ainda não sabe. Só umas raríssimas pessoas – e só essas poucas veredas, veredazinhas. O que muito lhe agradeço é a sua fineza de atenção (ROSA, 2001a, p. 116).

Esta conversa de relato nos moldes em que é narrada é única, pois as duas pessoas a quem contou – Zé Bebelo e Compadre Quelemém – à época em que viveu sua estória, não narrou da mesma maneira, pois ainda não entendera direito o que se passou. Só com o decurso do tempo, com os pensamentos amalgamados, é que foi entendendo, tomando conhecimento de sua situação; “Mesmo o que estou contando, depois é que eu pude reunir lembrado e

verdadeiramente entendido – porque, enquanto coisa assim se ata, a gente sente mais é o que o corpo a próprio é: coração bem batendo” (GSV,2001 p. 154). O grande público – o sertão – não sabe de sua história, só as veredas – as poucas pessoas – é que sabem. O papel do Interlocutor, ouvindo com atenção, redizendo certos fatos para Riobaldo, reformulando-os, nos dá a noção de que a conversa é como um jogo e como *puzzle*, que nos permite ler o pensamento. (ZELDIN, 2000, p. 9). Quando, na conversa, os interlocutores se permitem a participação do outro na tessitura da própria conversa, ambos saem diferentes de quando entraram:

A conversa é um encontro de mentes com recordações e hábitos diferentes. Quando as mentes se encontram não se limitam a trocar factos: transforma-nos, reformulam-nos, tiram deles diferentes conclusões, adoptam novas linhas de pensamento. A conversa não se limita a baralhar de novo as cartas, mas cria novas cartas (ZELDIN, 2000, p. 23)

É por isso que Riobaldo quer ouvir a palavra de alguém que seja instruído como o Interlocutor, pois as pessoas a quem admira são justamente as que lhe servem de iguais para ouvir sua narração. Como dito anteriormente, ele conta a sua estória, primeiramente, a Zé Bebelo, que tinha uma enorme cabeça, ouvia um pouquinho de um, um pouquinho de outros e depois sabia mais que todo mundo junto. Zé Bebelo o convence de ir à Jijujã para ter uma conversa com o compadre Quelemém. Essa conversa serviu-lhe de alívio para o momento em que estava confuso com a morte de Diadorim, pensando que a perdera por ter feito o pacto com o diabo nas *Veredas-Mortas* e lá perdido sua alma. Quelemém é esclarecido, “sabe tudo diverso”. É ele quem planta a primeira semente de que “o diabo não há”, que só depois floresce em Riobaldo. A terceira vez que Riobaldo conta seu relato, desta vez para o Interlocutor, que é também a narração para o leitor, é a grande vez de Riobaldo testar sua arte de lidar com as palavras. É o que Hazin (1994) denomina como terceira travessia.

É justamente a presença deste outro que serve a Riobaldo de baliza quando está contando sua estória: “Ai, arre, mas: que esta minha boca não tem ordem nenhuma. Estou contando fora, coisas divagadas. No senhor me fio?” (ROSA, 2001a, p. 37). Vemos adiante que a preocupação de Riobaldo com a tessitura da narrativa que o Interlocutor também pode vir a criar é muito relevante e, dessa vez, ele usa os verbos “fiar” (para além de seu significado de “confiar”) e “tecer”, seguidos um do outro. Sabemos que isso não é aleatório,

pois Riobaldo pergunta ao Interlocutor: “O senhor fia?” (ROSA, 2001a, p. 201) e mais adiante: “O senhor tece?”¹⁵ (ROSA, 2001a, p. 201), pois vemos que para Riobaldo o emprego desses dois verbos juntos estão correlacionados à sua postura diante da fala do outro: a de ser dono do destino, da própria tessitura do texto. Vemos adiante que ele revela ao Interlocutor que, na posição de chefe, era difícil deixar outro guiar a fala “Tal, e outras, contou o Seo Ornelas, senhor de prosa muito renovada. Pelo que, por todo o seroar, deixei com ele a mão; ainda que às vezes eu ficasse em dúvida: se competia, sendo eu um chefe, aturar que um outro fiasse e tecesse, guiando a fala.” (ROSA, 2001a, p. 476). A dúvida quanto a ceder a fala ao outro já não aparece na conversa com o Interlocutor, ao contrário, pede-lhe que caso fale demais, este intervenha: “Se estou falando às flautas, o senhor me corte” (ROSA, 2001a, p. 76). E sabe Riobaldo que, como está aprendendo a arte de contar corrigido, pode, a qualquer tempo, recontar ou refazer sua estória: “Ou conto mal? Reconto” (ROSA, 2001a, p. 77). Mesmo o segredo do desfecho relativo à morte de Diadorim ele releva e chama atenção do Interlocutor: “Ah, meu senhor, mas o que eu acho é que o senhor já sabe mesmo tudo – que tudo lhe fiei. Aqui eu podia pôr ponto” (ROSA, 2001a, p. 324). Nesse momento, Riobaldo atinge o ápice de seu exercício de contador:

Para tirar o final, para conhecer o resto que falta, o que lhe basta, que menos mais, é pôr atenção no que contei, remexer vivo o que vim dizendo. Porque não narrei nada à-toa: só apontação principal, ao que crer posso. Não desperdiço palavras. Macaco meu veste roupa. O senhor pense, o senhor ache. O senhor ponha enredo (ROSA, 2001a, p. 325).

Novamente Riobaldo chama atenção do Interlocutor e mostra que na verdade sabe a arte de contar muito bem, mesmo que seja “muito dificultoso” (ROSA, 2001a, p. 200). Das dificuldades, Riobaldo refaz o tecido de suas recordações que, justamente por serem baseadas em sua memória, “fazem balancê”, como se mudassem de lugar. A memória reinventa o passado. Nela ficam guardadas as lembranças que afetaram a subjetividade do indivíduo de maneira marcante. O afastamento temporal lhe permite certa imparcialidade, mas também

⁽¹⁵⁾ De acordo com Manfred Lurker (1997), as atividades de fiar e tecer ligavam-se às divindades maternas e às divindades lunares, e eram entendidas em seu sentido simbólico. A deusa primitiva Neith era protetora da tecelagem no Egito. Por causa do seu movimento giratório uniforme, a roda de fiar e o tear eram símbolos da regularidade imutável e dele saía o fio da vida, do destino. A atividade da força criativa e formativa da natureza é representada pela imagem do fiar e do tecer.

maior grau de fantasia, de ficcionalização dos eventos vividos. Sempre que se olha para o passado, olha-se com os olhos do presente, com o arcabouço de vivências que marcaram a trajetória até então.

Existe, pois, a consciência de que a memória é fugidia – por um lado – pois grave e sério a gente lembra, mas – por outro lado – algo perde, escapa à percepção. Fica-se sempre com uma visão parcial e fragmentária do que chamamos verdade, como bem explica o poeta Carlos Drummond de Andrade, em seu poema Verdade:

A porta da verdade estava aberta,
 Mas só deixava passar
 Meia pessoa e cada vez.
 Assim não era possível atingir toda a verdade,
 Porque a meia pessoa que entrava
 Só trazia o meio perfil de meia verdade (ANDRADE, 2003, p. 1240).

Este poema nos dá a noção justa de que a verdade é um polígono tão cheio de faces, que um só indivíduo não consegue percebê-las todas de uma única vez:

O senhor veja: eu, de Diadorim, hoje em dia, eu queria recordar muito mais coisas, que valessem, do esquisito e do trivial; mas não posso. Coisas que se deitaram, esqueci fora do rendimento. O que renovar e ter eu não consigo, modo nenhum. Acho que é porque ele estava sempre tão perto demais de mim, e eu gostava demais dele (ROSA, 2001a, p. 394).

Essa incapacidade da memória de reter o essencial fica gravado no relato de Riobaldo, pois vemos ele ditar listas imensas de nomes e funções de jagunços, cada um com seu ofício no bando a que se filia, mas quando se refere à vida íntima, às coisas que se vertem para sua vida pessoal, é comum Riobaldo dizer-se esquecido, com a memória falha:

Os ruins dias, o castigo do tempo todo ficado, em que falhamos na Coruja, conto malmente. A qualquer narração dessas depõe em falso, porque o extenso de todo sofrido se escapole da memória. E o senhor não esteve lá. O senhor não escutou, em cada anoitecer, a lugúgem do canto da mãe-da-lua. O senhor não pode estabelecer em sua idéia a minha tristeza quinhoã (GSV, p. 418).

As oscilações, os lapsos de memória que Riobaldo aponta reforçam a verossimilhança da conversa em questão, já que tudo que ele se propõe a contar está baseado em sua memória.

Riobaldo divide GSV em duas partes: a primeira, em que conta mais os *causos* do sertão, que é fiada pela conversa com o Interlocutor; e a segunda, que se centra mais no relato de sua chefia frente aos *riobaldos*, na luta para vingar a morte de Joca Ramiro. O estudo de Hazin (1994) reforça que há as duas maneiras de narrar que dividem ao meio a interlocução: uma primeira parte, velada, caótica, cifrada; e a segunda, mais ordenada, como um espelho da primeira, só que mais clara, decifrada.

O segundo motivo que relaciono para a conversa de relato de Riobaldo com o Interlocutor é o do pedido de um conselho:

De tudo não falo. Não tenciono relatar ao senhor minha vida em dobrados passos; servia para quê? Quero é armar o ponto dum fato, para depois lhe pedir um conselho. Por daí, então, careço de que o senhor escute bem essas passagens: da vida de Riobaldo, o jagunço. Narrei miúdo, desse dia, dessa noite, que dela nunca posso achar o esquecimento. O jagunço Riobaldo. Fui eu? Fui e não fui. Não fui! – porque não sou, não quero ser. Deus esteja! (ROSA, 2001a, p. 232).

O conselho que Riobaldo pede ao Interlocutor remete à pergunta feita ao compadre Quelemém no ato da primeira narração de sua estória: –“O senhor acha que minha alma eu vendi, pactário?” (ROSA, 2001a, p. 623). A participação do interlocutor consiste na confirmação da não existência do Diabo e a conseqüente impossibilidade da concretização do pacto. “Amável o senhor me ouviu, minha idéia confirmou: que o Diabo não existe” (ROSA, 2001a, p. 624). A relevância da opinião do interlocutor nos questionamentos de Riobaldo confirma a hipótese da necessidade da participação do outro na formação do eu, que decorre do diálogo. Riobaldo espera que, pela opinião do Interlocutor, consiga confirmar suas ideias de ordem metafísica, terceiro motivo da realização do seu relato. Vale notar que a correspondência entre o pensamento de Riobaldo (ex-jagunço) e o do Interlocutor (letrado e doutor) confere aceitação social ao discurso de Riobaldo, que é o discurso de um fazendeiro rico, mas com um passado de membro da plebe rural que ganha atenção da classe intelectual. Esta conversa revela, em parte, uma inversão do eixo cidade-campo.

O quarto objetivo remete ao uso da palavra com finalidade terapêutica. Riobaldo conta sua vida para obter entendimento e paz de consciência: “E as idéias instruídas do senhor me fornecem paz. Principalmente a confirmação, que me deu, de que o Tal não existe; pois é não?” (ROSA, 2001a, p. 55).

Ao organizar seu discurso por meio da palavra, Riobaldo atinge outro estágio de consciência de si mesmo. Segundo Hazin (1994), a travessia empreendida por ele consiste na passagem da ignorância para a lucidez, sendo a ignorância aí associada à escuridão, às trevas, ao desconhecido, ao medo, ao que não se sabe. E em sentido oposto, a lucidez é representada pela claridade, pela paz, pelo aprendizado da alegria e da coragem, virtudes que estão correlacionadas à concepção que Riobaldo faz de Deus. “Não sabia, hoje será que sei, a regra de nenhum meio-termo” (ROSA, 2001a, p. 102).

A narração de Riobaldo organiza sua reflexão sobre os acontecimentos que o levaram à perda de Diadorim, ápice do sofrimento do herói, conflito que só pôde apaziguar ao rememorar os eventos que se deram no decurso da sua existência, os quais pôde avaliar quando ele conta sua estória a Zé Bebelo, ao compadre Quelemém e, por fim, ao Interlocutor. Como no discurso psicanalítico, cuja finalidade principal é ordenar o caos do inconsciente, com vistas à superação de conflitos que geram sofrimento ao indivíduo, Riobaldo fala para o outro e fala para si mesmo, em uma tentativa de purgar o mal que há em si:

Não devia de estar lembrando isto, contando assim o sombrio das coisas. Lenga-lenga! Não devia de. O senhor é de fora, meu amigo mas meu estranho. Mas, talvez por isto mesmo. Falar com o estranho assim, que bem ouve e logo longe se vai embora, é um segundo proveito: faz do jeito que eu falasse mais mesmo comigo. Mire veja: o que é ruim, dentro da gente, a gente perverte sempre por arredar mais de si. Para isso é que o muito se fala? (ROSA, 2001a, p. 55).

O ato de contar, de relatar sua vida ao Interlocutor, alguém que tem estudo e é imparcial à sua estória, faz que Riobaldo se sinta à vontade para tecer todo tipo de comentário que lhe vier à mente, coisa que não acontece com Zé Bebelo, que viveu com ele parte dos acontecimentos narrados; tampouco com o Compadre Quelemém, de quem ele muito ouviu, mas que confessa em certo momento que nem tudo lhe fiava: “Compadre meu Quelemém nunca fala vazio, não substrata. Só que isto a ele não vou expor. A gente nunca deve de declarar que aceita inteiro o alheio – essa é que é a regra do rei!” (ROSA, 2001a, p. 39). Nesse sentido, a terceira narração é, em verdade, a mais completa e também é a primeira a ser documentada, pois – como sabe o leitor – o Interlocutor toma notas da conversa em uma caderneta que traz consigo.

A conversa é importante para Riobaldo, pois, por meio dela, está vivendo o que lhe faltava: “Mas eu estou repetindo muito miudamente, vivendo o que me faltava” (ROSA, 2001a, p. 546). Contar ao outro o faz reviver os fatos vividos e começar a enxergar o que lhe aconteceu com outros olhos. Riobaldo precisa falar para superar um momento específico de sua vida em que a sua fala foi suprimida. Quando estava no alto da Torre vendo os riobaldos enfrentarem os hermógenes, no momento em que vê os seus combinarem – com os outros – uma briga de armas brancas, Riobaldo é privado de sua voz, de sua fala:

Conheci o que estava para ser: que os dele e os meus tinham cruzado grande e doido desafio, conforme para cumprir se arrumavam, uns e outros, nas duas pontas da rua, debaixo de forma; e a frio desembainhavam. O que vendo, vi Diadorim – movimentos dele. **Querer mil gritar**, e não pude, desmim de mim-mesmo, me tonteava, numas ânsias. E tinha o inferno daquela rua, para encurralar comprido... **Tiraram minha voz** (ROSA, 2001a, p. 610) (grifos meus).

O poder da fala do presente, no momento da conversa, serve como justificativa para a superação daquele momento em que ele quis agir, gritar e não pôde. Ficou silenciado. Este trauma precisou de tempo, precisou do amadurecimento das ideias, mas precisou, sobretudo, do ouvido de um estranho para entendê-lo melhor. De acordo com Freud (1893), o silenciamento é uma mortificação, cuja cura se dá pelo ato de falar, que libera o indivíduo:

A linguagem também reconhece essa distinção, em suas conseqüências mentais e físicas; de maneira bem característica, ela descreve uma ofensa sofrida em silêncio como “uma mortificação” [“Kränkung”, literalmente, um “fazer adoecer”]. - A reação da pessoa insultada em relação ao trauma só exerce um efeito inteiramente “catártico” se for uma reação adequada - como, por exemplo, a vingança. Mas a linguagem serve de substituta para a ação; com sua ajuda, um afeto pode ser “ab-reagido” quase com a mesma eficácia. Em outros casos, o próprio falar é o reflexo adequado: quando, por exemplo, essa fala corresponde a um lamento ou é a enunciação de um segredo torturante, por exemplo, uma confissão (BREUER; FREUD, 1893, p. 21).

A conversa de relato que Riobaldo mantém com o Interlocutor, devido ao seu efeito catártico, libera-o e cura-o da mortificação vivida no momento em que teve sua fala suprimida. Falar permite-lhe a reelaboração dos conteúdos psíquicos que constituem os seus traumas.

d) Grau de formalidade e estilo da interação:

A interação entre Riobaldo e seu Interlocutor é predominantemente séria, sóbria: “Vejo que o senhor não riu, mesmo em tendo vontade. Também tive” (ROSA, 2001a, p. 426). Cabe aqui acentuar que Riobaldo faz menção dos sinais para verbais do Interlocutor: o riso contido mostra deferência e seriedade em relação ao emissor (Riobaldo). Em outro momento da interlocução, vemos nova alusão ao riso contido do Interlocutor que precisa da autorização de Riobaldo para acontecer: “O senhor pode rir: seu riso tem siso. Eu sei. Eu quero é que o senhor repense as minhas tolas palavras” (ROSA, 2001a, p. 186). A contenção do riso mostra o respeito diante do relato de Riobaldo, que o acolheu durante três dias e ainda lhe conta toda sua vida.

As negociações quanto ao uso da palavra se dão em um clima amistoso e consensual: “O senhor concedendo, eu digo: para pensar longe, sou cão mestre – o senhor solte em minha frente uma idéia ligeira, e eu rastreio essa por fundo de todos os matos, amém!” (ROSA, 2001a, p. 31). É assim que Riobaldo mantém o fio do relato, pedindo a permissão de seu interlocutor para continuar a sequência que pretende contar.

Por vezes Riobaldo elogia a postura do visitante “O senhor é bondoso de me ouvir” (ROSA, 2001a, p. 115), mas em um momento apresenta-se mais dominador do diálogo: “Então, o senhor me responda: o amor assim pode vir do demo? Poderá?! Pode vir de um-que-não-existe? Mas o senhor calado convenha. Peço não ter resposta; que, se não, minha confusão aumenta” (ROSA, 2001a, p. 155). Vemos, nesse trecho, Riobaldo solicitar a intervenção do Interlocutor, mas em seguida, cortar-lhe a palavra.

Capítulo II

PERFIL DO INTERLOCUTOR: O SENHOR

“Não fique aí falando sozinha desse jeito”, Humpty Dumpty disse, olhando para ela pela primeira vez, “melhor dizer seu nome e atividade.”

“Meu nome é Alice, mas...”

“Um nome bem bobo!” Humpty Dumpty a interrompeu com impaciência.

“ O que significa?”

“Um nome deve significar alguma coisa?” Alice perguntou ambigualmente.

“Claro que deve”, Humpty Dumpty respondeu com uma risada curta.

“Meu nome significa meu formato... aliás um belo formato. Com um nome como o seu, você poderia ter praticamente qualquer formato”

(CARROLL, 2002, p. 200).

Este é um momento marcante da conversa entre Alice e Humpty Dumpty, o momento das respectivas apresentações. Levando em conta todo o *nonsense* que caracteriza a obra de Carroll, é fácil perceber que ela encontra-se recheada de enigmáticas perguntas e respostas que nos fazem parar a cada ponto e nos questionar sobre o sentido filosófico e metafórico do que está sendo exposto.

Nesse sentido, vale a pena refletir sobre esse trecho aqui recortado, em que Humpty se volta para Alice e lhe pergunta nome e atividade. Ela mal consegue responder a primeira pergunta, pois já é novamente interpelada pelo seu Interlocutor acerca do significado do seu nome. Ora, se Alice fosse continuar a sentença interrompida, provavelmente a conversa seria equilibrada, mas desde o princípio, observa-se que Humpty está pouquíssimo interessado no que Alice tem a dizer, e isso faz que ele não coopere para que o diálogo flua, provocando truncamentos, interrupções e interpretações errôneas da fala da menina, o que termina por gerar o efeito de humor do texto.

Refletindo agora sobre o conteúdo da segunda pergunta que Humpty dirige a Alice, acerca do que significa o seu nome, observamos que Alice não gostou do epíteto “bobo” adjetivando seu nome, pois quando Humpty pergunta o que ele significa, ela retruca com

outra pergunta que enfatiza a questão do valor semântico das palavras, ou seja, se “um nome deve significar algo”. Humpty responde afirmativamente, usando como exemplo seu próprio nome, mas eles não continuam a interessante conversa que começara a despontar.

Essa pergunta que Alice faz a Humpty dita assim de maneira tão direta e logo seguida de uma palavra como “ambiguamente”, suscita uma série de outras perguntas, tais como: O que é significar? Para cada nome existe um significado? Um nome comporta mais de um significado? O significado abarca tudo o que o nome quer dizer? E, por fim, existe sentido literal?

Temos consciência de que partimos de questões aparentemente ingênuas, de questões que estão – aparentemente - para além do escopo desta pesquisa. Desde já admitimos com Riobaldo que “**difícil**, mesmo, é um saber definido o que quer, e **ter o poder de ir até no rabo da palavra**” (ROSA, 2001a, p. 190) (grifos meus), mas é essa difícil luta por chegar ao rabo da palavra que alimenta pesquisas que, por vezes, começam por um nome e ,a exemplo de veredas que se bifurcam, leva a nomes que levam a outros, a um livro que leva a outro livro, que, por sua vez, acabam por formar uma verdadeira biblioteca em torno de um único referencial.

Em determinado momento da conversa, quando Riobaldo está falando com seu Interlocutor acerca do nome de Diadorim, faz ele mesmo a seguinte pergunta: “O que é um nome?” (ROSA, 2001a, p. 172), indagação que nos remete de imediato à pergunta tão conhecida e tantas vezes citada na clássica tragédia *Romeu e Julieta*, de Shakespeare:

Julieta. – Somente teu nome é meu inimigo. Tu és tu mesmo, sejas ou não um Montecchio. Não é mão, nem pé, nem braço, nem rosto, nem outra parte qualquer pertencente a um homem. Oh! Sê outro nome! **Que há em um nome?** O que chamamos de rosa, com outro nome, exalaria perfume tão agradável; e assim, Romeu, se não se chamasse Romeu, conservaria essa cara de perfeição que possui sem o título (SHAKESPEARE, 1969, p. 307) (grifos meus).

A semelhança entre a pergunta de Riobaldo e a de Julieta é que ambas apontam para o conteúdo de significação que um nome deve abranger. Riobaldo acrescenta logo em seguida uma sentença que explica que a nomeação é sempre uma coisa alheia ao ser ou objeto nomeado: “Nome não dá: nome recebe” (ROSA, 2001a, p. 172), enquanto Julieta aponta por exclusão para as coisas que são baseadas em sua materialidade. Mas a busca pelo significado

nunca se esgota. É nesse sentido que no capítulo em tela tentamos refletir a respeito da nomeação (ou da não nomeação, melhor dizendo) desse que vem à casa de Riobaldo, tão detidamente delineada no Capítulo I.

Como uma cena de filme em que a câmera focasse um cenário todo pronto, com cada personagem em seu local de ação, quase vemos Riobaldo sentado em sua cadeira de balanço no alpendre e, ao seu lado, em outra cadeira, o Interlocutor, ambos isolados do restante dos demais da casa, conversando, animadamente, desde cedo. Deslocando-se um pouco, a câmera mostraria Otacília, lá na sala, entretida com os filhos do compadre Ciril. Indo mais longe, com o intuito de contextualizar melhor a cena principal, descortinaria o curral da fazenda com seus bois, vacas e bezerros. No pasto, um ou outro cavalo. É quando se ouvem tiros. Volta a câmera à cena do alpendre, em que se entretêm, conversando, Riobaldo e o Interlocutor.

Como em uma conversa qualquer, em que os assuntos variam de acordo com os interesses dos participantes, alternam-se aqui os assuntos e também os parceiros nos papéis conversacionais. Até por que seria meio fora do comum receber uma visita em sua casa e não conceder a mínima cortesia e uma conversa sobre a vida besta¹⁶, que é o cenário de toda cidade do interior mineiro. É assim que falam sobre os tiros ouvidos, em seguida, continuando o assunto sobre a arte de atirar, coisa que Riobaldo faz desde a mocidade. Ele comenta sobre um bezerro com cara de cão que um dia o chamaram para ver e que o povo dizia ser o demo. Interessa ressaltar que, nesse momento, o Interlocutor participa ativamente da conversa, pois não apenas sua fala, mas até mesmo os sinais para verbais – isto é, seus gestos, os risos – são captados por Riobaldo, que não se esquece de comentar: “o senhor ri certas risadas” (ROSA, 2001a, p. 23), e então Riobaldo explica que quando é tiro de verdade, a reação dos cachorros e das pessoas do sertão já é conhecida, e explica no que consiste o sertão.

⁽¹⁶⁾ Cidadezinha Qualquer

Casas entre bananeiras
mulheres entre laranjeiras
pomar amor cantar.

Um homem vai devagar.
Um cachorro vai devagar.
Um burro vai devagar.
Devagar... as janelas olham.

Eta vida besta, meu Deus (Carlos Drummond de Andrade, *Obra completa*, 2003, p. 23).

Se esta mesma câmara se deslocasse para o lado e se fixasse na pessoa de Riobaldo e se, ao mesmo tempo, caísse uma tempestade imensa na fazenda que impedisse a captação do som da fala do Interlocutor e também a imagem do diálogo dos dois por causa da neblina, e tivéssemos que marcar apenas que eles participam de um diálogo para o público, teríamos uma tabela de marcador de sinais discursivos semelhante aos da tabela 1 mais adiante. Nela, notamos a presença de uma coluna que marca apenas sinais verbais dos falantes. A primeira corresponde a Riobaldo e a segunda, que deveria ser a do Interlocutor, termina não o sendo, pois este, embora não permaneça em silêncio, só é ouvido em forma de eco pela boca de Riobaldo. É por esse motivo que este último aparece nas duas colunas da tabela 1, ora emitindo sinais que se dirigem ao Interlocutor, ora retomando o que este disse, ou seja, repetindo sentenças ou partes do discurso do Interlocutor, ora desviando a conversa com outras perguntas que alimentam o discurso. Na primeira coluna, temos os *sinais pré-posicionados*, que geralmente marcam também um início de turno, ou seja, abrem um assunto novo. Eles servem para sustentar o turno, preencher pausas, dar tempo à organização do pensamento, explicitar intenções, nomear ou referir ações. Na segunda coluna, veem-se os *sinais pós-posicionados* que marcam o fim de um turno, e que são marcados com uma asserção, dúvida ou indagação, a fim de avisar, antecipar ou anunciar o que será dito ou, às vezes, até de eliminar posições anteriores, corrigir-se, autointerpretar-se, reorganizar-se e reorientar o discurso. Na terceira coluna, veem-se os sinais produzidos por Riobaldo quando ocupa a posição de ouvinte, durante o turno do Interlocutor e geralmente servem para monitorar Riobaldo quanto à recepção do seu discurso. São geralmente sinais de assentimento, de concordância, como “Ah” e “Ahã”, alimentando o discurso do Interlocutor, para que este possa de fato sentir-se parte integrante do assunto ali esmiuçado e para que a conversa prossiga. De acordo com Marcurschi (2006), “estes sinais podem ser responsáveis tanto pela sintaxe da interação como pela segmentação e pelo encadeamento de estruturas lingüísticas. Marcam sintaticamente as unidades quando coocorrem com pausas, correções, anacolutos, reduplicações, elipses etc.” (MARCUSCHI, 2006, p. 72). Nesse momento em que Riobaldo é ouvinte e o Interlocutor é responsável pelo turno, Riobaldo apenas concorda ou discorda. Ainda no turno do Interlocutor, na quarta coluna, veem-se os *sinais indagativos*. Aqui é preciso ter toda a atenção, pois que é o ponto capital desta dissertação: estes sinais que seriam produzidos por Riobaldo – enquanto ouvinte simplesmente – retomam em sua formulação semântica o último assunto levantando pelo Interlocutor que, geralmente, difere

do assunto que Riobaldo vinha tratando ou, em outros casos, são pedidos de esclarecimento a mais sobre estes mesmos assuntos. Veja-se o exemplo:

O que eu carecia era de dar primeiras batalhas. Suspender a alta coragem, adiante de meus cabras. Ou será que já estavam mas era se aplicando no vagavagar? – Cigano sou? – eu pensei, enraivecido. Tinha o norte, para a gente. Dei ordem. Aí torcemos caminho, numa poeira danã. A reto, viemos beirando o Ribeirão da Areia, de rota abatida. O que era que eu tencionava fazer? O senhor espere (ROSA, 2001a, p. 503).

Percebe-se não só que o Interlocutor interveio no assunto, mas também que foi necessário a Riobaldo fazer uma pausa e reorganizar o tópico discursivo para continuar o assunto de que vinha tratando, explicar que esperasse o assunto, que o Interlocutor estava antecipando.

Quanto ao que chamamos retomada em forma de eco da fala do Interlocutor, são as tomadas de turno em que Riobaldo repete o que o Interlocutor disse e segue adiante, seja tentando responder a pergunta feita, seja introduzindo um novo tópico discursivo, com um novo assunto a fim de atender às solicitações do outro. Como se vê no seguinte exemplo, em que ele muda completamente o assunto de que vinha falando:

Chefe nosso, Medeiro Vaz, nunca perdia guerreiro. Medeiro Vaz era homem sobre o sisudo, nos usos formado, não gastava as palavras. Nunca relatava antes o projeto que tivesse, que marchas se ia amanhecer para dar. Também, tudo nele decidia a confiança de obediência. Ossoso, com a nuca enorme, cabeça meia baixa, ele era dono do dia e da noite – que quase não dormia mais: sempre se levantava no meio das estrelas, percorria o arredor, vagaroso, em passos, calçado com suas boas botas de caititu, tão antigas. Se ele em honrado juízo achasse que estava certo, Medeiro Vaz era solene de guardar o rosário na algibeira, se traçar o sinal-da-cruz e dar firme ordem para se matar uma a uma as mil pessoas. Desde o começo, eu apreciei aquela fortaleza de outro homem. O segredo dele era de pedra.

Ah, eu estou vivido, repassado. Eu me lembro das coisas, antes delas acontecerem... Com isso minha fama clareia? Remei vida solta. Sertão: estes seus vazios. O senhor vá. Alguma coisa, ainda encontra. **Vaqueiros?** Ao antes – a um, ao Chapadão do Urucuia – aonde tanto boi berra... Ou o mais longe: vaqueiros do Brejo-Verde e do Córrego do Quebra-Quinaus: cavalo deles conversa cochicho – que se diz – para dar sisado conselho ao cavaleiro, quando não tem mais ninguém perto, capaz de escutar. Creio e não creio (ROSA, 2001a, p. 47) (grifo meu).

Como se pode verificar, a mudança de assunto se dá depois da pergunta do Interlocutor, que aparece como eco. Para que fiquem claras as duas acepções que estamos usando da palavra *eco*, das 13 que traz o Dicionário Houaiss, leia-se:

- 1 imitação ou repetição das palavras, ideias ou atos de outrem
- 2 aquele que repete ou divulga o que foi dito por outrem

Temos, então, adiante, a tabela 1 que mostra o *Quadro dos Sinais Conversacionais Verbais*, com duas grandes colunas divididas como sinais do falante e sinais do ouvinte e essas mesmas colunas subdivididas, cada uma, em duas outras colunas: a primeira em sinais pré-posicionados e pós-posicionados e a segunda em convergente e indagativos:

Tabela 1: Quadro dos Sinais Conversacionais Verbais

Sinais do Riobaldo como falante (orientam o Interlocutor)				Sinais de Riobaldo como ouvinte (orientam-se da fala do Interlocutor)			
Pré-posicionados		Pós-posicionados		Convergentes		Indagativos	
	Pág.		Pág.		Pág.		Pág.
		O senhor sabe:	24				
						Do demo?	24
						Então?	25
Não seja	25						
		O senhor não é como eu?	25				
		Pois não sim?	25				
		Será não? Será?	26				
Explico ao senhor:	26						
		O senhor aprova?	26				
		acredita na pessoa dele?!	26			Não?	26
Hem? Hem?	27			Ah.	27		

					E que isso é?	27
					Se sabe?	27
					Deveras?	27
Mire veja	29					
		Uê-uê, então?!	30			
Olhe	31					
				Ahã.	32	
Hem?Hem?	32					
					Eu?	32
Olhe:	32					
					E o Urutú -Branco? Ah	33
					Haja?	36
					Aonde?	36
					A como?	37
				Ahã.	38	
Mire veja:	39					
				Ahã. Pois.	41	
		Já já?	41			
		Não, não é não?	40			
		Não vou valendo?	40			
		Senhor sabe?	43			
					Hem? O senhor?	43
					Vaqueiros?	47
		Se é se? Ah, existe, meu!	50			

Fonte: Elaboração da autora.

É Riobaldo que dá densidade à figura do Interlocutor, delineando-lhe um perfil. Por meio de sua fala, podem-se observar traços da formação intelectual, tantas vezes elogiada por Riobaldo. Ainda pela sua fala, fica-se sabendo que o Interlocutor tem gosto por viagens, sobretudo viagens pelo sertão, além de que se trata de um estudioso, que toma notas de tudo o que está sendo falado, enfim, homem circunspecto e atencioso.

Quanto à formação intelectual desse homem, aspecto que, a todo momento, Riobaldo ressalta, e que assume importância fundamental na conformação dos papéis sociais que desempenha na narrativa, qual seja o de legitimar o discurso de Riobaldo perante a sociedade letrada, é sua a dupla caracterização objetiva de ser: “assisado e instruído” (ROSA, 2001a, p. 26), sendo estas duas qualidades, o juízo e a instrução, as duas virtudes que Riobaldo admira na figura desse visitante, pois vemos ele reforçar essas qualidades mais adiante, afirmando que o Interlocutor tem “toda leitura e suma doutoração” (ROSA, 2001a, p. 30); saber muito “além de ter carta de doutor” (ROSA, 2001a, p. 41). O motivo da admiração por tais qualidades é que elas fornecem paz à consciência de Riobaldo por corroborarem com sua ideia de que o diabo não existe, e se ele não existe, não houve pacto: “as idéias instruídas do senhor me fornecem paz. Principalmente a confirmação, que me deu, de que o Tal não existe” (ROSA, 2001a, p. 55). Riobaldo traça uma diferença entre a visão que tem das pessoas estudadas em oposição a que tem dos moradores do lugar, por ele considerado “povo prascóvio” (ROSA, 2001a, p. 23).

Embora também tenha estudado no Currealinho com Mestre Lucas, tendo assim acesso ao mundo das letras, Riobaldo se põe em relação inferior ao seu Interlocutor: “O que invejo é sua instrução do senhor...” (ROSA, 2001a, p. 76). Algumas páginas à frente, diz, quase com as mesmas palavras: “Invejo é instrução que o senhor tem” (ROSA, 2001a, p. 116), e ainda: “Ah, o que eu prezava era ter essa instrução do senhor, que dá rumo para se estudar dessas matérias” (ROSA, 2001a, p. 248), mostrando, dessa forma, em um exercício de polidez, sua atitude de reverência ao saber que seu visitante possui. O fato de só termos acesso ao discurso de Riobaldo mostra, por parte do autor da obra – Guimarães Rosa –, uma valorização da fala do homem do sertão, da sua sabedoria, tantas vezes colocada de lado em relação à cultura da cidade.

Quase ao final do livro, quando já está bem sustentada a ideia de que seu Interlocutor é letrado, Riobaldo traz à tona um novo dado, apontando que ele é cidadão: “Ah, eu só queria ter nascido em cidades, feito o senhor, para poder ser instruído e inteligente!” (ROSA, 2001a, p. 423), assinalando assim a cidade como espaço privilegiado na formação acadêmica do cidadão.

A instrução e a inteligência aparecem aqui como atributos muito apreciados pelo próprio Rosa, já que este ponto é exaustivamente repetido em *Grande Sertão: veredas*. Vale ainda lembrar que no conto “Famigerado”, do livro *Primeiras estórias*, temos a seguinte declaração de Damázio, jagunço temível por tantas mortes executadas: “Não há como que as grandezas machas duma pessoa instruída!” (ROSA, 2001b, p. 61).

Outra característica que delinea a figura do Interlocutor, e que se coloca como motivo para todo o diálogo que acompanha o relato de Riobaldo é justamente o fato de o Interlocutor estar ali de viagem. O motivo da viagem serve como tema da conversa que depois desemboca pelas memórias de Riobaldo. “Mas, o senhor sério tenciona devassar a raso este mar de territórios, para sortimento de conferir o que existe?” (ROSA, 2001a, p. 41). O motivo da viagem não aparece claramente delimitado, a não ser pelo espírito de investigação do viajante: “reconselho de o senhor entestar viagem mais dilatada” (ROSA, 2001a, p. 42). Além disso, Riobaldo faz referência à recorrência das viagens dele mesmo e do Interlocutor: “Pois esta estória foi espalhada por toda a parte, viajou mais, se duvidar, do que eu ou o senhor”.

Quanto aos instrumentos técnicos de natureza material que pertencem ao Interlocutor, podemos dizer que ele possui um jipe: “Ao que, mais, no carro-de-bois, levam muitos dias, para vencer o que em horas o senhor em seu jipe resolve” (ROSA, 2001a, p. 118) e uma caderneta em que toma notas: “O senhor enche uma caderneta” (ROSA, 2001a, p. 611).

Há uma sugestão de que o Interlocutor, em suas viagens, também se utiliza de armas, como instrumento de caça: “Senhor caça? Tem lá mais perdiz do que no Chapadão das Vertentes...” (ROSA, 2001a, p. 43).

Se alguma dúvida ainda paira na imaginação do leitor quanto à concretude da existência do Interlocutor, ela cai por terra quando Riobaldo se refere ao seu Wusp, um conhecido em comum que tiveram: “Ah, o senhor conheceu ele? Ô titiquinha de mundo! E como é mesmo que o senhor frasêia? Wusp? É. Seo Emílio Wuspes...Wúpsis...Vupses”

(ROSA, 2001a, p. 87). Tão clara é a referência que Riobaldo marca a diferença de como ele nomeia o estrangeiro Wusp, modo que é diferente daquele do Interlocutor: “Mas estava lá o Vupes, Alemão Vupes, que eu disse – seo Emílio Wusp, que o senhor diz” (ROSA, 2001a, p. 141) – e ainda sugere que ele pode ter conhecido também o Coronel Rotílio Manduca: “Célebre, esse, também – e que o senhor deve ter conhecido igualmente, pois era um que viajava amiúde até no Rio de Janeiro” (ROSA, 2001a, p. 474). “Dele [Rotílio Manduca] sozinho, o que se diz: umas duzentas mortes! Conheceu, o senhor?” (ROSA, 2001a, p. 475).

Quanto à postura que assume diante da fala de Riobaldo, percebemos que o interlocutor é um ouvinte atento que, além disso, a certa altura da interlocução, passa a tomar notas da conversa, em um interesse sempre crescente por sugestão do próprio Riobaldo: “A Guararavacã do Guaicuí: o senhor tome nota deste nome” (ROSA, 2001a, p. 305). A referência a este lugar é importante, pois lá Riobaldo teve os últimos momentos de paz ao lado de Diadorim: é lá que eles recebem a notícia da morte de Joca Ramiro e começam as idas e vindas pelo sertão. Em outro momento, na casa dos Tucanos, quando estão cercados por soldados do governo, Riobaldo lembra-se de alguém ter comentado que para se mexer com soldados é preciso ter cautela e Riobaldo pede para o Interlocutor escrever isto: “o senhor ponha letreiro” (ROSA, 2001a, p. 373). Adiante na narração, já tendo se tornado chefe, Riobaldo fala ao Interlocutor que dava cachaça ao menino Guirigó e ao cego Borromeu, como se eles fossem o “cajueiro-anão e o araticum” e acrescenta, sugerindo ao Interlocutor que anote seus feitos: “consoante o senhor escrito apontará” (ROSA, 2001a, p. 483). É importante ressaltar que a atitude de pedir para o Interlocutor tomar notas torna-se mais frequente com o progredir da história, bem como guarda intimidade com a relevância do assunto ora discutido. Quando os Urucuianos que vieram com Zé Bebelo decidem ir embora, Riobaldo diz que voz de Zé Bebelo era como a de alguém dizendo que o norte ia declarar seca e um homem e uma mulher iam vir [pro norte] e ele acrescenta que a “vida é um vago variado” (ROSA, 2001a, p. 516) e pede: “O senhor escreva no caderno: sete páginas...” (ROSA, 2001a, p. 516). Continuando seu relato, Riobaldo exclama: “E chegamos!” (ROSA, 2001a, p. 562), ao que mais uma vez o Interlocutor pergunta o lugar, pergunta que Riobaldo retoma na forma de eco: “Aonde?” (ROSA, 2001a, p. 56) e em seguida responde anunciando o nome do lugar onde se dará a primeira grande batalha: “os campos do Tamanduá-tão; o inimigo vinha, num trote de todos, muito sacudido. Se expandongaram... Campos do Tamanduá-tão — o senhor aí escreva: vinte páginas...” (ROSA, 2001a, p. 562). Por fim, quando está quase a concluir sua

narração, pergunta se vida vencida de um, o passado pode servir de instrução para a vida de alguém e diz ao Interlocutor: “O senhor enche uma caderneta...” (ROSA, 2001a, p. 611) e indaga se olhando simplesmente para o sertão é possível perceber o que sai pelos mesmos buracos.

Quando Riobaldo fala do sertão, vai traçando uma topografia para mostrar ao Interlocutor certos lugares interessantes aos quais ele deve ir quando terminar sua visita ao Corinto e prosseguir viagem. Riobaldo afirma não poder ir junto nesta viagem, como queria, pois sua idade já avançou: “Eu, já estou velho” (ROSA, 2001a, p. 38), ou põe a culpa nas doenças trazidas pelo desgaste do corpo como o reumatismo: “minha velhice já principiou, errei de toda conta. E o reumatismo... Lá como quem diz: nas escorvas. Ahã.” (ROSA, 2001a, p. 31). Na verdade, Riobaldo fala também de uma mudança de costumes em relação à sua geração: “Geração minha, verdadeira, ainda não eram assim” (ROSA, 2001a, p. 38), mas sabe que se por um lado perde-se a vitalidade da juventude, por outro, com a velhice, ganha-se experiência, da qual tanto se orgulha: “Ah, naqueles tempos eu não sabia, hoje é que sei [...] minha competência foi comprada a todos custos, caminhou com os pés da idade” (ROSA, 2001a, p. 62). Nesse sentido, o presente para Riobaldo se configura como condição a que chegou por meio da maturidade, é pois, um Para-si. De acordo com Sartre:

À diferença do Passado, que é Em-si, o Presente é Para-si. Há uma antinomia própria do Presente: por um lado, definimo-lo facilmente pelo *ser*; é presente aquilo que é, em contraste com o futuro, que não é ainda, e com o passado, que não é mais (SARTRE, 1997, p. 174).

No tempo presente, Riobaldo já tem muita experiência de vida, o que se adquire com a idade e com o suceder dos momentos vividos. Quando diz: “Vi muitas nuvens” (ROSA, 2001a, p. 28), o narrador estabelece uma noção de tempo não convencional que sugere o acúmulo de fatos vivenciados, pelo campo da experiência.

Para Riobaldo, o presente tem um valor substancial em relação ao passado, pois marca uma diferença de atitude mental em relação à vida, marcada pela possibilidade do ócio e da meditação acerca de sua juventude:

De primeiro, eu fazia e mexia, e pensar não pensava. Não possuía os prazos. Vivi puxando difícil de difícel, peixe vivo no moquém: quem mói no asp'ro, não

fantaseia. Mas, agora, feita a folga que me vem, e sem pequenos dessorregos, estou de range rede. E me inventei neste gosto, de especular idéia (ROSA, 2001a, p. 26).

Sem ter de trabalhar na faina do dia a dia, apenas lucrando com as fazendas que herdou de Selorico Mendes e o dote de Otacília, Riobaldo alcançou uma estabilidade social que o deixa com tempo disponível o suficiente para refletir sobre sua vida e analisar seu passado. Hoje tem seu respeito firmado na sociedade, por ser um “senhor”, dono de terras e posses:

Tenho meu respeito firmado. Agora, sou anta empoçada, ninguém me caça. Da vida pouco me resta – só o *deo-gratias*; e o troco. Bobêia. Na feira de São João Branco, um homem andava falando: – “A pátria não pode nada com a velhice...” Discordo. A pátria é dos velhos, mais (ROSA, 2001a, p. 114).

Cabe ressaltar que o Riobaldo que diz “a pátria é dos velhos” não é nenhum inválido ou alguém como Maria de França, em *A rainha dos Cárceres da Grécia*, de Osman Lins, que luta como um titã por uma aposentadoria, mas debalde todos os seus esforços perdem-se nos labirintos da burocracia e da má-vontade estatal, e sim, como já citado, herdeiro de duas grandes fazendas.

Ainda pensando na topografia do sertão, quando Riobaldo está explicando onde se localiza o Liso do Sussuarão e seus arredores, percebemos que há um lugar geograficamente marcado, que ambos conhecem:

Também onde se forma calor de morte – mas em outras condições... A gente ali rói rampa... Ah, o Tabuleiro? Senhor então conhece? Não, esse ocupa é desde a Vereda-da-Vaca-Preta até Córrego Catolé, cá embaixo, e de em desde a nascença do Peruaçu até o rio Cochá, que tira da Várzea da Ema. Depois dos cerradões das mangabeiras [...] (ROSA, 2001a, p. 50).

Esse lugar em comum, assim como as pessoas que eles conhecem, e as que o Interlocutor pode vir a conhecer, quando passar pelos lugares de que fala Riobaldo, é tudo matéria para se compor livro, talvez até a partir das próprias notas que ele está escrevendo nesses três dias de conversa. Afinal, ambos mantêm um clima de reciprocidade para ouvir o que o outro diz durante a interlocução: “O senhor é bondoso de me ouvir” (ROSA,

2001a, p. 115), o que reforça a ideia de que a conversa se deu a bom termo, pois cada um colaborou, em acordo, para esse propósito. Como afirma Gadamer:

O acordo [da conversação] ou o seu fracasso é como um acontecimento que se realizou em nós. Assim, podemos dizer que foi uma boa conversação, ou que os astros não foram favoráveis. Tudo isso demonstra que a conversação tem seu próprio espírito e que a linguagem que empregamos ali carrega em si sua própria verdade, ou seja, “desvela” e deixa surgir algo que é a partir de então (1997, p. 497).

Ao perceber que seu relato, por vezes, é difícil, entrançado, como a própria memória, Riobaldo diz ao Interlocutor que sabe que tudo que lhe conta é difícil mesmo, pois está contando a matéria vertente de uma vida e lhe agradece a atenção: “O que muito lhe agradeço é a sua fineza de atenção” (ROSA, 2001a, p. 116). Pois sem a atenção do Interlocutor, sem suas interferências sobre o relato, a tal conversa não seria possível.

CAPÍTULO III

A OCORRÊNCIA DA SITUAÇÃO NARRATIVA DE *GRANDE SERTÃO*: VEREDAS EM OUTROS TEXTOS LITERÁRIOS

Não é apenas em *Grande sertão: veredas* que flagramos a situação narrativa de que trata esta dissertação. A ocorrência de *diálogo* em que apenas um dos participantes detém a fala encontra-se também em alguns dos contos de Guimarães Rosa. Em “Meu tio o Iauaretê”, por exemplo, publicado em 1961, na revista *Senhor* nº 25 e, mais adiante, no livro póstumo *Estas Estórias* (1969), um mameluco chamado Tônico, apelido de Antonho de Eiesús – por parte de pai – e Bacuriquirepa – por parte de mãe –, recebe a visita de um senhor rico em sua tapera, com o qual mantém conversa, enquanto este senhor espera um camarada que deve vir encontrá-lo ali mesmo. O índio lhe conta que foi contratado para dar cabo das onças da região e que já matara dezenas delas, mas que se arrependera muito ao conhecer a onça Maria-Maria. Abaixo, um trecho da conversa, em que se pode observar o mesmo tipo de estrutura presente em *Grande sertão: veredas*, no qual acontece um diálogo com retomada em forma de eco:

[...] Um dia , uma vez, ele [Apiponga] comeu um homem...

Nhem? Cê quer saber dorme de é que Maria-Maria dorme de dia, hã? Pra quê quer saber? Pra quê? Lugar dela é no alecrim-da-crôa, no furado do matinho, aqui mesmo perto, pronto! Quê que adiantou? Cê não sabe adonde que é, eh-eh-eh (ROSA, 2001d, p. 220).

Neste trecho fica claro que o visitante perguntou onde Maria-Maria morava, deixando o mameluco enciumado, pois antes deste responder, ele indaga ao visitante qual o motivo do seu interesse em conhecer o lugar onde Maria-Maria dormia. Sua resposta não tem utilidade, visto que o lugar indicado só ele mesmo conhece e sabe como encontrar (assim como Maria-Maria). Esta despertara nele uma consciência de parentesco seu com onça: “onça é meu parente” (ROSA, 2001d, p. 195), pois sua mãe seria irmã do Jaguaterê (do tupi, *yaware´te* = onça verdadeira). Até que um dia ocorre sua transmutação, ele vira onça e passa a matar gente para as outras onças comerem, acabando assim por dizimar toda a vizinhança. Quando está prestes a atacar o visitante, este saca da arma e o mata. Toda a conversa é narrada apenas pela

voz do mameluco, mas a presença do outro é marcante, como se pode observar no trecho final do conto:

Mecê gostou, ã? Preto prestava não, ô, ô, ô...Ói: mecê presta, Cê é meu amigo... Ói: deixa eu ver mecê direito, deix’eu pegar um tiquinho em mecê, tiquinho só, encostar minha mão...

Ei, ei, que é que mecê tá fazendo?

Desvira esse revólver! Mecê brinca não, vira o revólver pra outra banda... Mexo não, tou quieto, quieto... Ói: Cê quer me matar, ui? Tira, tira revolver pra lá! Mecê tá doente, mecê tá variando... Veio me prender? Ói: tou pondo a mão no chão é por nada, não, é à-toa... Ói o frio... Mecê tá doido? Atiê! Sai pra fora, o rancho é meu, xô! Atimbora! Mecê me mata, camarada vem, manda prender mecê... Onça vem, Maria-Maria, come mecê... Onça meu parente... Ei, por causa do preto? Matei preto não, tava contando bobagem... Ói a onça! Ui, ui mecê é bom, faz isso comigo não, me mata não... Eu —Macuncôzo... Faz isso não, faz não... Nhenhennhém... Heeé!...

Hé... Aar-rrã... Aaãh... Cê me arrhoû... Remuaci...Rêiucãanacê... Araaã... Uhm... Ui... Ui... Uh... uh... êêêê... êê... ê...ê... (ROSA, 2001d, p. 235).

Depois de ter descoberto seu parentesco com onça e ter praticamente dizimado toda a população ao redor para dar para as onças comerem, Tônico se vê face a face com o visitante, que está também doente e amedrontado com todo o relato que ouviu até então, pois o narrador-personagem chama atenção – de vez em quando – para os sons que vêm de fora da tapera e que colaboram para armar um clima de tensão interna que vai crescendo à medida que o relato evolui, até chegar ao confronto frente a frente, em que Tônico anuncia que vai pôr a mão no chão, pede para encostar a mão no visitante. A essa altura, o leitor percebe que ele irá se *onçar*, isto é, atacar o visitante transformando-se em onça, mas este, por sua vez, também capaz de entender o significado do gesto, o impede de seu intento, ao matá-lo com tiros de revólver.

“O espelho”, texto integrante do conjunto de 21 contos que compõem o livro *Primeiras Estórias* (1962), desenvolve-se – à semelhança de “Meu tio o Iauaretê” – em idêntica perspectiva: verifica-se, também aí, um diálogo de que o leitor só tem acesso a uma voz, a do narrador, que conta a um senhor – cujas características intelectuais são ressaltadas: “senhor que sabe e estuda” (ROSA, 2001b, p. 119), sua experiência ligada ao mistério dos espelhos. Ao fim e ao cabo dirige-se nos seguintes termos para seu ouvinte:

Sim? Mas então, está irremediavelmente destruída a concepção de vivermos em agradável acaso, sem razão nenhuma, num vale de bobagens? Disse. Se me permite, espero, agora, sua opinião, mesma, do senhor, sobre tanto assunto. Solicito os reparos que se digne dar-me, a mim, servo do senhor, recente amigo, mas companheiro no amor da ciência, de seus transviados acertos e de seus esbarros tutibeados. Sim? (ROSA, 2001b, p. 128).

Ao longo de todo o texto, o leitor surpreende a reiterada solicitação de participação no diálogo, feita pelo narrador ao seu ouvinte. Tal participação se dá por meio de perguntas do interlocutor que, naturalmente, só aparecem na fala do narrador em forma de eco, como no caso do texto precedente. As respostas a esses questionamentos compõem e sustentam o diálogo, já que a fluência da conversa necessita da cooperação ativa dos interactantes envolvidos.

Ainda do universo roseano, extraímos “Antiperipléia”, conto de abertura do livro *Tutaméia* (2001c), o qual, em um tom de chiste que “escancha os planos da lógica” (ROSA, 2001c, p. 29), mostra a cegueira como uma doença que está para além da simples falta de visão dos olhos, que pode ser encarada como uma deficiência de elementos éticos e morais arraigada na estrutura social. O conto começa com uma retomada em forma de eco de uma provável fala da personagem Seô Desconhecido (o interlocutor), sendo o outro Prudencinhano (o narrador): “–E o senhor quer me levar, distante, à cidades? Delongo. Tudo, para mim é viagem de volta. Em qualquer ofício, não; o que até hoje tive, de que meio entendo e gosto, é ser guia de cego: esforço destino que me praz” ” (ROSA, 2001c, p. 41). Assim como em *Grande sertão: veredas*, neste conto a conversa é flagrada ao meio e alimentada pelas perguntas do Interlocutor que, nesse caso, é nomeado, mesmo que seja Seô Desconhecido, assim mesmo, com letras maiúsculas, como se nome próprio. Todos os nomes neste conto têm um toque de ironia, já que aludem ao exato contrário daquilo que representam: Prudencinhano nada tem de “prudente”, é antiprudente ao enganar o cego Tomé – nome que por sua vez faz referência ao apóstolo que duvidou da ressurreição de Cristo e precisou “ver para crer”, conhecido pela sua “cegueira de fé”. Por sua vez, Sa Justa, não é justa com o marido, ao traí-lo com o cego Tomé, para quem também mente, dizendo que é bonita, sem ser. Em troca de dinheiro e regalias oferecidas por Sa Justa, Prudencinhano é convencido de que é prudente

mentir ao cego Tomé e fazê-lo acreditar que em vez de feia ela é bonita. E consegue o intento, até o dia em que Tomé cai em um precipício e morre, e todos tentam se eximir da culpa.

Ainda em *Tutaméia*, temos o conto “–Uai, eu?” (assim mesmo, com travessão) que, desde o título, já começa com uma situação de interlocução posta em prática, mesmo caso de “–Tarantão, meu patrão”, do livro *Primeiras Estórias*. Ambos configuram a mesma situação narrativa abordada por esta dissertação.

Curiosamente vamos encontrar um paralelo entre *Grande sertão: veredas* e *A Queda (La Chute)*, de Albert Camus, ambos publicados no mesmo ano de 1956: um no Brasil, outro na França. A propósito do último, pode ser dito que se trata da longa confissão de um homem – Jean-Baptiste Clamence – a um conterrâneo desconhecido que ele encontra em um bar de Amsterdam, onde vive há muitos anos. Clamence teria sido testemunha casual de um drama (o suicídio de uma jovem mulher no Sena, em uma noite fria), no qual ele mesmo escolhera não intervir, decisão que irá repercutir em seu íntimo – como culpa – por toda a sua vida. Assim, estamos diante, mais uma vez, de um homem que precisa contar a um estranho algo de seu passado, algo de que não consegue se libertar.

A proximidade entre *Grande Sertão: veredas* e *A Queda* deve-se à mesma situação narrativa posta em prática, tanto por Camus quanto por Rosa. Camus se vale de um narrador-personagem (Jean-Baptiste Clamence, um nome falso, como a personagem mesma afirma) que trava um diálogo com um visitante francês, do qual – assim como acontece em *Grande sertão: veredas* –, o leitor só tem acesso à fala do primeiro e, por meio dela, pode inferir as perguntas e respostas do interlocutor:

Permita-me que lhe faça duas perguntas, e só me responda se não as julgar indiscretas. O senhor possui bens? Alguns? Bom. Repartiu com os pobres? Não. É, portanto, o que eu chamo um saduceu. Se não tem familiaridade com as Escrituras, reconheço que não lhe adiantará muito. Adianta? Então, conhece as escrituras? Decididamente, o senhor me interessa (CAMUS, 1956, p. 9).

As respostas às perguntas que Jean-Baptiste faz a seu interlocutor não aparecem diretamente no livro, mas, sim, retomadas em forma de eco em sua fala. Na medida em que estas questões vão sendo respondidas, dão ensejo ao diálogo: “Vai ficar muito tempo em Amsterdam? Bela cidade, não é? Fascinante? Eis um adjetivo que não **ouço** há muito tempo.

(CAMUS, 1956, p. 7) (grifo meu). Ora, se o narrador *ouve*, é evidente que existe aqui a presença de *um outro* que participa da sua conversa, seu Interlocutor, com quem ele fala. Essa presença, mesmo que não tenha uma voz marcada no diálogo do livro, participa da conversa, com perguntas e respostas. Todavia, esse aspecto não parece preocupar muito os estudiosos da obra. Em 2009, foi defendida na Universidade Federal de Minas Gerais uma dissertação intitulada *A gratuidade do mundo e a maleabilidade do gênero literário em O Estrangeiro, de Albert Camus*, que pode servir como exemplo do anteriormente argumentado. Recorrendo a outras obras do autor, com o intuito de reforçar seus argumentos, escreve o seguinte parágrafo a respeito de *A Queda*: “Trata-se *A Queda* de um monólogo, comovente e cheio de auto-impugnação, em que o juiz Jean-Baptiste Clemence (trocadilho com *clemence*, clemência), narrador-protagonista, discorre sobre o castigo, a liberdade, a salvação, no desejo de suspender toda sorte de julgamento” (disponível em: <http://dspace.lcc.ufmg.br/dspace/bitstream/1843/ECAP-RRH7U/1/definitivo_dissert__o.pdf>. Acesso em: 26 jun. 2010).

É a palavra *monólogo*, então, a escolhida aqui para descrever a situação narrativa do romance, palavra que absolutamente dá conta da complexidade de tal situação.

Outra semelhança entre *Grande sertão: veredas* e *A Queda* é a referência dos narradores-personagens ao curto intervalo de tempo em que se dá a narração: o relato de Riobaldo dura três¹⁷ dias e o de Clamence, cinco: “Não pensa realmente que, durante cinco dias, eu lhe fiz discursos tão longos por mero prazer” (CAMUS, 1956, p. 89) Se nos quatro primeiros dias, o diálogo acontece em um bar, local público, em que se encontram por acaso, no quinto e último dia será deslocado para a casa do narrador, o que alude mais uma vez à intimidade de que se falou no Capítulo I.

O tom confessional do discurso de Jean-Baptiste é outra característica que o aproxima do discurso de Riobaldo, marcadamente confessional. A referência a esse tom é reiterada sete vezes ao longo de *A Queda*, durante a conversa com o visitante: “Olhe, agora que o senhor vai falar de si próprio, vou saber se uma das finalidades da minha apaixonante confissão foi atingida” (CAMUS, 1956, p. 99).

⁽¹⁷⁾ “Visita, aqui em casa, comigo, é por três dias!” (ROSA, 2001a, p. 41).

Por fim, uma última referência a um diálogo em que só se conhece a fala de um dos interlocutores, desta vez também de um autor brasileiro, Carlos Drummond de Andrade. Sua crônica “A Pesquisa” – inserida na coluna intitulada “Consumo”¹⁸, do livro *De Notícia e Não-Notícias faz-se a crônica*, lançado em 1987, por ocasião da morte do autor – discorre a respeito de um entrevistador que procura um morador da Guanabara por conta de pesquisa sociocultural sobre a mobilidade. No entanto, percebe-se que, partindo de questionamentos aparentemente gerais, o entrevistador passa a fazer perguntas cada vez mais pessoais e impróprias para o preenchimento de um simples questionário, além de tecer comentários jocosos no tocante ao comportamento do entrevistado e aos lugares que frequenta.

– Dá licença cavalheiro? Permite que eu lhe roube dois minutos de sua preciosa atenção? É assunto de interesse geral, esteja certo. Do contrário, não seria eu que viria importuná-lo. Sou muito respeitador do tempo dos outros, isto lá sou. Negócio seguinte. Quer colaborar comigo na pesquisa sócio-cultural sobre o dia do morador da Guanabara, no tocante à mobilidade? Não se molesta se eu lhe fizer umas perguntinhas ligeiras? Vai responder direitinho, pois não? Ótimo. Bem, a que horas o amigo habitualmente sai de casa? Todos os dias úteis? Ah, depende da noite anterior? Compreendo, mas sai almoçado ou almoça na cidade? Tem carro, é claro? Onde é a garagem? Quantos minutos até lá, para pegá-lo? Se ela está na oficina, vai de táxi, é lógico? Sempre o mesmo, já combinado, ou qualquer um que passe na esquina? E qual o itinerário, se não é indiscrição? Sozinho? Então dá carona aos amigos? E, se não for indagar demais: a moças conhecidas ou desconhecidas? Como? Onde costuma acontecer isso? Uma garota só, mais de uma, como é? Costuma desviar o rumo para ser gentil? Compreendo, compreendo. Quanto tempo leva no percurso normal? E no anormal, o máximo até agora qual foi? Na cidade, onde estaciona? Só a três quilômetros de distância do escritório? Em que rua fica esse edifício? Barão de quê? Das Calças Largas? E o andar, qual é? Os elevadores enguiçam muito? O quê? Já subiu a pé 20 andares? E depois foi atendido onde: no Sousa Aguiar ou no Prontocor? Trabalha firme até a hora do almoço? E a que hora é o almoço? Desce para almoçar? O restaurante fica aonde? Sempre o mesmo, ou gosta de variar? Sozinho, é? Ah, sim, mas sempre com a mesma pessoa? Como? Varia? Claro, claro. Depois do almoço dá uma voltinha? A que horas está de novo no trabalho? E seu lanche quando é? Lá em cima mesmo? Quanto tempo leva isso? Costuma descer outras vezes, durante a jornada de trabalho? Para fazer o que, hem? Sozinho? Mas lojas de que rua? Demora muito? E o banco, onde é? Outros escritórios também? No mesmo perímetro, é? Pode cronometrar essas atividades externas? Nesses casos, o senhor volta para o escritório, ou? Há outras interrupções de ritmo, que obriguem deslocamento de sua pessoa? Outras, sei lá? O senhor é que deve saber. Fecha a que hora, meu amigo? Sempre, sempre? Mesmo em ocasião de balanço? Balanço no sentido verdadeiro, essa é boazinha, não? Resumindo, acabado o serviço vai direto ao carro, provavelmente já sei passa num bar? Onde fica isso? É bacana? Sozinho, desta vez? Mas é questão de muito tempo? De lá segue para onde,

¹⁸ O livro está diagramado como se fosse um jornal, daí as colunas em que se distribuem as crônicas, todas elas publicadas anteriormente, no “Caderno B” do *Jornal do Brasil*.

meu caro? Não ouvi bem, faz o obséquio de repetir? Coisa de meia hora, no máximo? Como? Nem perto nem longe? Então é prático, hem? Mas de lá até o estacionamento, quantos minutos? Ah, já estava no carro? Não entendi nada. Será que temos que refazer esta parte do roteiro, para ficar mais claro? Acha que não precisa? Tá bom, deixa. E após, como dizem os puristas? Direto pra casa, adivinhei? Aproveita para passar no posto de gasolina, é? Qual? Depois, vê televisão com a família ou sai para um cineminha? Acompanhado? É no bairro, ou vai aonde tiver um lançamento por aí? No que tiver menos pulga? Boa essa. E onde é que tem menos? Eu também quero ir lá. No seu carro, num de praça, ou no de um amigo? Duas, três vezes por mês ou por semana? só? e boate? A mesma de sempre, ou estica em outras? Em que ruas? Qual o tempo de permanência habitual? E quantas vezes por mês, felizardo? Será que me esqueci de algum detalhe, alguma faixa do seu dia que... não pode me ajudar lembrando? Vamos lembre, lembre é tão simples. Bem agora o seu fim de semana. Quais os movimentos do meu amigo, a partir do instante em que põe o pé na rua no sábado? Falta pouco para terminar, mas que é isso? Está se sentindo mal? Aborrecido comigo? Porventura acha que fui indiscreto, eu que tive o maior cuidado em não devassar o que quer que fosse da sua vida particular, dos refolhos da sua *privacy*? Não, isso não, espere lá, não precisa me dar bolacha, eu saio imediatamente, até logo, socorro, socorro! (ANDRADE, 1987, p. 158)

O tom humorístico da crônica é evidente, deixa claro que o entrevistador ultrapassa não só o limite de perguntas que seria esperado para um simples questionário sócio-cultural, mas também o tom imprimido às questões, que ficam excessivamente íntimas, causando constrangimento ao entrevistado que, em um acesso de cólera, lhe dá umas bofetadas. Mesmo não tendo acesso à fala deste último, temos consciência de sua presença e de sua participação no diálogo, o qual é alimentado por suas respostas.

CONCLUSÃO

A pesquisa começa sempre do escuro, dos montões oeste do desconhecido: “O que a gente procura muito e sempre não é isto nem aquilo. É outra coisa” (ANDRADE, 2003, p. 972). Às vezes a gente pensa que os outros vêem mais que a gente, que sabem a direção, o sentido, e que nós não. Então erramos, caímos, recomeçamos, até que um dia, quase sem querer, a gente encontra o que procura e pensa que “vai ser fácil, existente, de pegar na mão e sentir” (ANDRADE, 2003, p. 972) Na realidade, invertemos os papéis, pois o que descobrimos passa a ser “invisível para todo mundo, menos para mim, que de tanto procurar fiquei com merecimento de achar e direito de esconder” (ANDRADE, 2003, p. 972). Esse segredo – tão aflitadamente procurado e por um tempo guardado – constitui nossa felicidade clandestina, e só depois de um tempo é que percebemos que o prazer do secreto só tem sentido se for compartilhado com as pessoas. É então que começa outra etapa do percurso, a de tentar descrever em palavras a outrem aquilo que alcançamos pela leitura e que ficaria guardado no recesso único de nossa mente e morreria, certamente com a gente, se não fosse a possibilidade do exercício acadêmico.

O estudo do *Grande sertão: veredas* – na perspectiva da conversação – pressupõe, em primeiro lugar, a existência de dois participantes: Riobaldo e o Interlocutor. Partimos deste pressuposto básico para entender o diálogo, não apenas como a simples troca de palavras, mas como um acontecimento reorientador das perspectivas daquele que sai de si para abrir-se em uma conversa, e que quando o faz, muda o próprio roteiro, podendo mudar, quem sabe, o roteiro de toda uma comunidade, de uma nação. De acordo com Theodore Zeldin (2000), mudanças na maneiras de conversar, também propiciaram mudanças no mundo várias vezes:

Os seres humanos já modificaram o mundo várias vezes modificando sua maneira de conversar. Houve revoluções na conversa tão importantes como guerras, motins ou fomes. Em momentos em que os problemas pareciam insolúveis, em que a vida parecia desprovida de sentido, em que governos se mostraram impotentes, as pessoas por vezes encontraram saída mudando o tema das suas conversas, a sua maneira de conversar, ou ainda as pessoas com quem conversavam. No passado isso deu-nos o Renascimento e o Iluminismo, o modernismo e o pós-modernismo (ZELDIN, 2000, p. 15).

Nesse sentido, cabe pensar na relevância da conversa como um recurso literário que coocorre em dois países diferentes no mesmo ano, refiro-me ao caso da publicação de *Grande sertão: veredas* e de *A Queda*, em 1956, ambos estampando a mesma situação narrativa, como se viu no Capítulo III. Ora, ambos os escritores atravessaram as duas guerras que mudaram a história da humanidade, ambos foram soldados e conheceram a face do silêncio, da incomunicabilidade, da morte, do medo. Passaram por privações, aprenderam o sentido humano do valor da vida, que é lição dolorosa de toda guerra, e que se torna tanto lição mais significativa, com valor cumulativo, quanto mais guerras se atravessa.

Durante a pesquisa, tive acesso às cópias xerográficas dos manuscritos de *Grande sertão: veredas* cedidas pela viúva do escritor, Aracy Moebius de Carvalho, à Prof^a Dr^a. Elizabeth de A. Lima Hazin, por ocasião de sua pesquisa de doutorado sobre a gênese da obra e, comparando essas cópias com o texto enfim publicado, percebi, ainda que de forma incipiente (pois para uma análise profunda teria de ver, além desse documento, as outras etapas por que passou o texto), que a situação narrativa da conversa com o Interlocutor havia sofrido modificações ao longo do processo de fatura do romance, ou seja, que a presença do Interlocutor, tão óbvia nos primeiros rascunhos da obra, parecia ter sido intencionalmente ocultada no livro publicado, a ponto de permitir que tantos autores aí enxergassem um monólogo, ao invés de um diálogo. Assim, havia nos manuscritos vários trechos em que o autor, deliberadamente, inserira o Interlocutor, deixando sua presença absolutamente explícita, trechos esses que foram suprimidos ao final ou modificados, o que me levou à hipótese, enquanto pesquisadora, de que a intenção do autor fora justamente a de que o Interlocutor ficasse, de alguma forma, velado, hipótese que foi crescendo na medida em que me deparava com outros textos do autor que traziam o mesmo modelo de situação narrativa, todos publicados depois de GSV. Curiosamente, um deles escrito antes, “Meu tio, o Iauaretê”, o qual sendo publicado depois – espelho – asseguraria a novidade do modelo da situação narrativa para *Grande sertão: veredas*.

Ainda durante o exame dos manuscritos, cheguei à conclusão de que seria necessário separar quase “cirurgicamente” todos os casos em que ocorresse a palavra “senhor” para posterior análise, pois embora ela seja usada 812 vezes, referindo-se,

exclusivamente, ao Interlocutor, ela aparece em outras acepções muito específicas que não permitem confusão ao leitor (ver Anexo).

Diferentemente do monólogo, que encerra o indivíduo em si mesmo, o diálogo abre-lhe novos campos do inter-relacionamento, os quais descortinam o universo pessoal e isolado que esse mesmo indivíduo possa ter. Neste sentido podemos afirmar, o diálogo é como uma ponte que liga os seres humanos, que os conduz a outros contextos de vida pulsátil, funcionando ainda como ferramenta para que cada um dos participantes possa se conhecer melhor. No diálogo, surgirá uma terceira pessoa a partir do *mesmo* da gente e do *si* do outro: haverá um *nós*, que reorientará nossa nova visão de mundo, fazendo-nos daí sair transmutados, pois conversar é como atravessar um rio: “a gente quer passar um rio a nado, e passa; mas vai dar na outra banda é num ponto muito mais embaixo, bem diverso do em que primeiro se pensou” (ROSA, 2001a, p. 51) A travessia sempre revela algo novo àquele que atravessa; nesse sentido podemos dizer que a conversa entre Riobaldo e o Interlocutor é passível de estudo e pode, com base no próprio texto, dar margem às seguintes observações:

1. Dá-se no decurso de três dias, na casa de Riobaldo, em uma das fazendas que este herdou de Selorico Mendes, no Corinto.
2. Seus interactantes são: Riobaldo, rico fazendeiro e ex-jagunço, de um lado, e o Interlocutor, doutor instruído e morador da cidade, do outro.
3. A interação é cordial, afinal o Interlocutor passa três dias ouvindo e conversando com Riobaldo.
4. Seu objetivo – para o Interlocutor – é conhecer mais a respeito do sertão e dos territórios pelos quais pretende viajar, mas também se interessa muito pela história da vida de Riobaldo, enquanto este, por sua vez, fala para aprender a arte de contar, pedir um conselho, confirmar idéias metafísicas e viver uma catarse verbal, falando para curar-se.
5. O tom é formal e sério, mas com algo que se aproxima da amizade.

O fato de termos acesso apenas à fala do narrador, no romance, mostra que existe uma assimetria entre os papéis conversacionais: a fala do Interlocutor é retomada em forma de eco na fala de Riobaldo. Como a palavra *eco* descreve um fenômeno que é inerente somente a ela, pois que eco é a simples repetição de algo que já foi dito, resolvemos, por analogia semântica, nomear o Interlocutor, nesta dissertação, de ***Interlocutor Ressoante***, a fim de que faça jus ao caráter verbal de sua presença no texto.

REFERÊNCIA

ANDRADE, Carlos Drummond. *Poesia Completa*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2003.

_____. *De Notícias e não-notícias faz-se a crônica*. Rio de Janeiro: Record, 1987.

ARSILLO, Vincenzo. O olhar do silêncio: maiêutica do discurso dialógico e representação do outro em Grande Sertão: Veredas. In: _____. *Outras margens: estudos da obra de Guimarães Rosa*. Belo Horizonte: Autêntica/PUC Minas, 2001.

ARAÚJO, Adriana de Fátima B. Uma pesquisa sobre “Meu tio o iauaretê” de Guimarães Rosa: passos iniciais. *Revista de Letras da Universidade Católica de Brasília*, v. 1, n. 2, ano I, nov. 2008. Disponível em: <<http://portalrevistas.ucb.br/index.php/RL/article/view/854/823>>. Acesso em: 14 dez. 2009.

AUSTIN, John L. *Quando dizer é fazer*. Porto alegre: Artes médicas, 1990.

BACHELARD, Gaston. *A poética do espaço*. São Paulo: Abril Cultural, 1974.

BAKHTIN, Mikhail. *Estética da criação verbal*. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

_____. *Problemas da poética de Dostoiévsky*. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

_____. *Marxismo e filosofia da linguagem*. 3. ed. São Paulo: Hucitec, 1986.

BANDEIRA, Rogério Braga. *O imperativo em segunda pessoa*. Universidade do Rio de Janeiro, 2003. Disponível em: <<http://static.recantodasletras.com.br/arquivos/1613498.doc>>. Acesso em: 12 nov. 2009.

BARBOSA, Alaor. *A Epopéia brasileira ou: para ler Guimarães Rosa*. Goiânia: Ymery, 1981.

_____. *Sinfonia Minas Gerais: a vida e a literatura de João Guimarães Rosa*. Tomo I. Brasília: LGE, 2007.

BOLLE, Willi. *Grandesertão.br: o romance de formação do Brasil*. 1. ed. São Paulo: Duas Cidades, 2004.

BRANDÃO, Antonia Marisa R. O Liso do Sussuarão: espaço de provação. In: BERRINI, Beatriz (Org.). *Convivendo com Guimarães Rosa: Grande Sertão: Veredas*. São Paulo: Educ, 2004.

BROWN, P.; LEVINSON, S. *Politeness: some universals in language use*. Cambridge, Cambridge University Press, 1978.

BUBER, Martin. *Do diálogo e do dialógico*. São Paulo: Perspectiva, 2007.

BURKE, Peter. *A arte da conversação*. Trad. Álvaro Luiz Hattnhher. São Paulo: Unesp, 1995.

CÂNDIDO, Antonio. *Tese e antítese: ensaios*. 3. ed. São Paulo, Nacional, 1978.

CAMUS, Albert. *A queda*. São Paulo: Editora Círculo do Livro S.A., 1956.

CARROLL, Lewis. *Alice: edição comentada*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2002.

CHEVALIER, Jean; GHEERBRANT, Alain. *Dicionário de símbolos*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1996.

CORÔA, Maria Luiza M. Sales. *O tempo nos verbos do português*. São Paulo: Parábola, 2005.

CUNHA, Antônio Geraldo da. *Dicionário etimológico da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Lexikon Editora Digital, 2007.

DONNE, Jonh. *Meditações*. Trad. Fábio Cyrino. São Paulo: Landmark, 2007. Edição bilingue.

FARIA, Ernesto. *Dicionário escolar latino-português*. Rio de Janeiro: Ministério da Educação, 1962.

FREITAG, Raquel Meister Ko. Estratégias gramaticalizadas de interação na fala e na escrita: marcadores discursivos revisitados. *Revista Virtual de Estudos da Linguagem – ReVEL*, v. 7, n. 13, 2009. Disponível em: <http://www.revel.inf.br/site2007/_pdf/15/artigos/revel_13_estrategias_gramaticalizadas_de_interacao.pdf>. Acesso em: 12 nov. 2009.

FREUD, Sigmud; BREUER, Josef. *Estudos sobre a histeria*. [S.l.: s.n.], 1983.

GADAMER, Hans-Georg. *Verdade e método*. 7. ed. Trad. Flávio Paulo Meurer. Rio de Janeiro: Vozes, 2005.

GALVÃO, Walnice Nogueira. *As formas do falso*. 2. ed. São Paulo: Perspectiva, 1986.

GOFFMAN, E. *Frame analysis*. New York, Harper & Row, 1974.

GRICE, H. P. Logique et Conversation. *Communications* 30, p. 57-72, 1979.

GUIEIRO, Noé Amós. O conceito de vida em Grande sertão: veredas. In: BERRINI, Beatriz (Org.). *Convivendo com Guimarães Rosa: Grande Sertão: Veredas*. São Paulo: Educ, 2004.

GUSDORF, Georges. *La palabra*. Buenos Aires: Ediciones Nueva Visión, 1971.

HANSEN, João Adolfo. *O o: a ficção da literatura em Grande Sertão: veredas*. 1. ed. São Paulo: Hedra, 2000.

HAZIN, Elizabeth de A. *No nada, o infinito (da gênese do Grande sertão: veredas)*. Dissertação (Doutorado)–Universidade de São Paulo (USP), São Paulo, 1991.

_____. A terceira travessia (uma leitura de Grande sertão: veredas). (*Pré*) *Publications*, n. 144, 1994.

_____. O aproveitamento dos resíduos literários no Grande: sertão veredas. *Revista Cerrados*, n. 25, ano 17, p. 137-146, 2008.

HOUAISS, Antonio; VILLAR, Mauro de Salles. *Dicionário Houaiss da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009.

KERBRAT-ORECCHIONI, Catherine. *Atos de linguagem no discurso*. Tradução de Fernando Almeida e Irene E. Dias. Niterói: EdUFF, 2005.

_____. *A análise da conversação: princípios e métodos*. São Paulo: Parábola, 2006.

KOCK, Ingedore Villaça. *A inter-ação pela linguagem*. São Paulo: Contexto, 2004.

LORENZ, Günter. *Diálogo com Guimarães Rosa. Ficção completa*. Volume I. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1994.

LINS, Osman. *Avalovara*. 6. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

_____. *A Rainha dos Cárceres da Grécia: romance*. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

LURKER, Manfred. *Dicionário de Simbologia*. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

MACHADO, Gláucia V.; PEREIRA, Ondina P. O real e o sertão: experimentalismo poético e pensamento trágico em Guimarães Rosa. In: _____. *Outras margens: estudos da obra de Guimarães Rosa*. Belo Horizonte: Autêntica/PUC Minas, 2001.

MANN, Thomas. *Doutor Fausto*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.

MARCUSCHI, Luis Antônio. *Análise da conversação*. São Paulo: Editora Ática, 2006.

_____. *Fenômenos da linguagem: reflexões semânticas e discursivas*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2007.

_____. *Da fala para a escrita: atividades de retextualização*. São Paulo: Cortez, 2008.

MARTINS, Aira Suzana R. *A pontuação não gramatical de Guimarães Rosa: uma análise semiótica*. Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). 2006. Disponível em: <<http://www.pgletras.uerj.br/teses/btdlp.htm>>. Acesso em: 17 maio 2008.

MARTINS, Nilce Sant'Anna. *O léxico de Guimarães Rosa*. São Paulo: Edusp, 2001.

MATURANA, Humberto R.; VARELA, Francisco J. *A Árvore do conhecimento: As bases biológicas da compreensão humana*. Trad. Humberto Mariotti e Lia Diskin. São Paulo: Palas Athena, 2001.

MCLUHAN, Marshall. *Os meios de comunicação como extensões do homem*. Trad. Décio Pignatari. 4. ed. São Paulo: Cultrix, 1974.

MELO NETO, João Cabral de. *O cão sem plumas*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1997.

NASCIMENTO, Elvira Lopes. *Preservação da face e estratégias de polidez: um jogo de sedução nas interações face a face*. Disponível em: <<http://www.diritto.it/archivio/1/20656.pdf>>, no dia 24/09/2008>. Acesso em: 26 dez. 2009.

NUNES, Benedito. *O dorso do tigre: ensaios*. São Paulo: Perspectiva, 1969.

PÉCORRA, Alcir (Org.). *A arte de conversar*. Trad. Edmir Missio e Maria Ermantina Galvão. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

PEREIRA, Isidoro. *Dicionário grego-português e português-grego*. Largo das Teresinas: Livraria Apostolado Imprensa Braga, 1998.

PEREIRA, Terezinha Maria Scher. *O diálogo e o desejo em Guimarães Rosa*. Disponível em: <<http://www.ufjf.br/ppgletras/files/2009/11/O-di%C3%A1logo-e-o-desejo-em-Guimar%C3%A3es-Rosa-Terezinha-Scher.pdf>>. Acesso em: 26 dez. 2009.

PIRAN, Carolina Monteiro de B. *Contradições e conciliações em Grande sertão: veredas*. In: BERRINI, Beatriz (Org.). *Convivendo com Guimarães Rosa: Grande Sertão: Veredas*. São Paulo: EDUC, 2004.

PRETI, Dino (Org.). *Análise de textos orais*. 5. ed. São Paulo: Humanitas, 2001 (Projetos paralelos: V. I).

_____. *Estudos de língua falada: variações e confrontos*. 5. ed. São Paulo: Humanitas, 1999. (Projetos paralelos: V. III).

PROENÇA, Manuel Cavalcanti. *Augusto dos Anjos e outros ensaios*. 3. ed. Rio de Janeiro: Grifo, 1976.

REIS, Carlos; LOPES, Ana Cristina M. *Dicionário de Teoria da Narrativa*. São Paulo: Ática, 1988.

_____. *Dicionário de Narratologia*. Coimbra: Almedina, 2007.

REUTER, Yves. *A análise da narrativa: o texto, a ficção e a narração*. Trad. Mário Pontes. Rio de Janeiro: Difel, 2007.

RICOEUR, Paul. *Tempo e narrativa*. Tomo II. Campinas: Papirus, 1995.

RODRIGUES, Rejane Meireles Amaral. *Oralidade: as várias faces da vida de Antônio Dó*. Disponível em: <<http://www.revistafenix.pro.br/PDF3/Artigo%20Rejane%20Rodrigues.pdf>>. Acesso em: 21 abr. 2010.

_____. *Revista de História e Estudos Culturais*, v. 2, ano II, n. 2, ISSN: 1807-6971 3, abr./maio/jun. 2005. Disponível em: <[www.revistafenix.pro](http://www.revistafenix.pro.br)>.

RONAI, Paulo (Org.). *Seleção de João Guimarães Rosa*. 2. ed. rev. Rio de Janeiro: José Olympio, 1978.

ROSA, João Guimarães. *Grande Sertão: veredas*. 19. ed. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira 2001a.

_____. *Primeiras estórias*. 15. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001b.

_____. *Tutaméia: terceiras estórias*. 8. ed. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 2001c.

_____. *Estas estórias*. 5. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001d.

_____. *Magma*. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 1997.

_____. *Correspondência com seu tradutor italiano Edoardo Bizzarri*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2003.

SAITO, Cláudia Lopes Nascimento; NASCIMENTO, Elvira Lopes. *Preservação da face e estratégias de polidez: um jogo de sedução nas interações face a face*. Disponível em: <<http://www.diritto.it/archivio/1/20656.pdf>>. Acesso em: 24 set. 2008.

SANTOS, Luis Alberto B.; OLIVEIRA, Silvana P. *Sujeito, tempo e espaço ficcionais*. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

SANTOS, Paulo de Tarso. *O diálogo no Grande Sertão: Veredas*. São Paulo: Hucitec, 1978.

SARTRE, Jean-Paul. *O Ser e o Nada*. 10. ed. Rio de Janeiro: Vozes, 1997.

SCHWARZ, Roberto. *Grande Sertão: a Fala*. 1. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1983 (Coleção Fortuna Crítica Guimarães Rosa).

SEARLE, John R. *Os actos de fala*. Coimbra: Almedina, 1984.

_____. *Expressão e significado*. São Paulo: Martins Fontes, 1995.

SILVA, Gustavo Adolfo Pinheiro da. *Pragmática: a ordem dêitica do discurso*. Rio de Janeiro: Enelivros, 2005.

SHAKESPEARE, William. *Obra completa*. Volume. I. Rio de Janeiro: José Aguilar, 1969.

SOUZA, Ronaldes de Melo e. *Diálogo e Catarse em Grande Sertão: Veredas*. Mestrado (Dissertação em Teoria da Literatura)–Universidade de Brasília (UnB), Brasília, 1993.

TENÓRIO, Waldecy. Outras verdades muito extraordinárias. *Estudos Avançados*, 20 (58), p. 89-96, 2006.

TOLGYESI, Aparecida Mércia C. O poder da palavra. In: BERRINI, Beatriz (Org.). *Convivendo com Guimarães Rosa: Grande Sertão: Veredas*. São Paulo: EDUC, 2004.

WARD, Teresinha Souto. *O discurso oral em Grande sertão: veredas*. São Paulo; Brasília: Duas Cidades, 1984.

WITTGESTEIN, Ludwig. *Investigações Filosóficas*. Trad. Jose Carlos Bruni. São Paulo: Nova Cultural, 1996.

ZELDIN, Theodore. *Elogio da conversa*. Trad. Ana Falcão Bastos. Lisboa: Gradiva, 2000.

Sites:

Recanto das Letras

Disponível em:

<<http://www.fernandodannemann.recantodasletras.com.br/visualizar.php?id=225518>>.

Acesso em: 23 maio 2010.

Corinto Cantaminas

Disponível em:

<<http://corinto.cantaminas.com.br/historia.htm>>. Acesso em: 20 maio 2010.

João Pinheiro

Disponível em:

<http://www.joaopinheiro.com/index.php?option=com_content&view=article&id=47&Itemid=54>. Acesso em: 21 mar. 2010.

ANEXO

A tabela abaixo traz estampadas todas as ocorrências da palavra “senhor”, nas quais ela não designa o Interlocutor. Veem-se, aí, na última coluna, as acepções da referida palavra, descritas no dicionário, que correspondem a cada uma das emissões: quase sempre revelam uma relação de subordinação de um dos lados da emissão, ou se referem a Deus ou a Jesus, ou ainda aparecem em um contexto em que Riobaldo está falando em relação a si próprio.

OCORRÊNCIAS DA PALAVRA <i>SENHOR</i>	Pág.	Emissor - Receptor	Sentido/aplicação na frase
Posso vender essas boas terras, daí de entre as Veredas-Quatro – que são dum senhor Almirante, que reside na capital federal?	41	Riobaldo-Interlocutor	Aquele que possui algo, dono proprietário
Todo o mundo, então, todos, tinham de viver honrando a figura daquele, de Joca Ramiro, feito fosse Cristo Nosso Senhor , o exato?!	54	Riobaldo-Diadorim	Ser Supremo, Deus, Cristo.
Lá como quem diz: então alguém havia de renegar o nome de <i>Belém</i> – de Nosso- Senhor -Jesus-Cristo no presépio	58	Riobaldo-Interlocutor	Ser Supremo, Deus, Cristo.
“Olhe, pois era” – o arriero respondeu – “e, antes de morrer, deu o nome: que era Santos-Reis... Mais não propôs dizer, porque aí se exalou. Comandante, o senhor creia, nós tivemos grande pena...”	79	Arriero-mestre-Medeiro Vaz	Pessoa que exerce poder, dominação, influência.
“Folgo. Senhor estar bom?”	87	Wuspes-Riobaldo	Tratamento cerimonioso ou respeitoso dispensado aos homens
“Seo Vupes, eu também folgo. Senhor também estar bom? Folgo...”	87	Riobaldo-Wuspes	Pessoa nobre ou distinta; homem da burguesia ou de outra condição social
“Sei senhor homem valente, muito valente...”	87	Wuspes-Riobaldo	Tratamento cerimonioso ou respeitoso dispensado aos homens
“Para que banda o senhor tora?”	88	Riobaldo-Wuspes	Pessoa nobre ou distinta; homem da burguesia ou de outra condição social
Santuário do Santo do Senhor Bom-Jesus da Lapa	117	Riobaldo-Interlocutor	Ser Supremo, Deus, Cristo.
o Senhor Bom-Jesus	126	Riobaldo-Interlocutor	Ser Supremo, Deus, Cristo.
Mesma coisa no barranco do rio, e se descer esse São Francisco, que aprova, cada lugar é só de um grande senhor , com sua família geral, seus jagunços mil, ordeiros: ver São Francisco da Arrelia, Januária, Carinhanha, Urubu, Pilão Arcado, Xiquexique e Sento-Sé.	128	Selorico Mendes-Riobaldo	Pessoa nobre ou distinta; homem da burguesia ou de outra condição social

A lá, perto da casa de Mestre Lucas, morava um senhor chamado Dodó Meireles, que tinha uma filha chamada Miosótis.	139	Riobaldo-Interlocutor	Dono da casa, amo, patrão.
“ Senhor atira bem, porque atira com espírito. Sempre o espírito é que acerta...”	141	Wuspes-Riobaldo	Tratamento cerimonioso ou respeitoso dispensado aos homens
“Seo Vupes, o senhor não quererá me ajustar, em seu serviço?”	141	Riobaldo-Wuspes	Pessoa nobre ou distinta; homem da burguesia ou de outra condição social
um senhor , no Palhão, na fazenda Nhanva, altas beiras do Jequitai, para o ensino de todas as matérias estava encomendando um professor.	142	Mestre Lucas-Riobaldo (sobre Zé Bebelo)	Tratamento cerimonioso ou respeitoso dispensado aos homens
“O senhor acha que eu posso?”	143	Riobaldo-Mestre Lucas	Homem de meia-idade ou idoso
senhor -jesus-cristo que assoviava, o cantarolado	144	Zé Bebelo-Riobaldo	Grafado em letras minúsculas por se tratar de uma canção
E essa moça de quem o senhor gostou, que era um destino e uma surda esperança em sua vida?! Ah, Diadorim... E tantos anos já se passaram.	207	Riobaldo-Interlocutor	Homem “indeterminado”, pois quando o leitor conhece o desfecho da estória, sabe que se trata do próprio Riobaldo.
Mas entramos num arraial maior, com progresso de bordel, no hospedado daquilo usufruí muito, sou senhor .	209	Riobaldo-Diadorim	Ser senhor de si.
“Donde é mesmo que o senhor é, donde?”	210	Otacília-Riobaldo	Tratamento cerimonioso ou respeitoso dispensado aos homens
O Hermógenes, um homem existente encostado no senhor , calado curto, o pensamento dele assanha – feito um berreiro.	223	Riobaldo-Interlocutor	Homem indeterminado.
(...) para levar aos roceiros o conforto da santa hóstia do Senhor ou dos santos-óleos.	239	Jõe Bexiguento-Riobaldo	Ser Supremo, Deus, Cristo.
E no outro dia, domingo do Senhor	242	Jõe Bexiguento-Riobaldo	Ser Supremo, Deus, Cristo.
Ser que pensava, amiúde, em ele ser carrasco, como tanto se dizia, senhor de todas as crueldades.	248	Riobaldo-Interlocutor	Pessoa que exerce poder, dominação, influência (má).Referência catafórica ¹⁹ à Hermógenes
O demônio esbarra manso mansinho, se fazendo de apeado, tanto tristonho, e, o senhor pára próximo	251	Riobaldo-Interlocutor	Homem indeterminado. Referência catafórica ao Hermógenes

⁽¹⁹⁾Uso de um termo ou locução ao final de uma frase para especificar o sentido de outro termo ou locução anteriormente.

Este aqui é o Riobaldo, o senhor sabe? Meu amigo.	265	Diadorim-Joca Ramiro	Aquele que tem autoridade como chefe.
– “Dê respeito, chefe. O senhor está diante de mim, o grande cavaleiro, mas eu sou seu igual. Dê respeito!”	271	Zé Bebelo-Joca Ramiro	Aquele que tem autoridade como chefe.
– “O senhor se acalme. O senhor está preso...”	271	Joca Ramiro-Zé Bebelo	Aquele que tem autoridade como chefe.
o senhor vê não é o que o senhor vê, compadre: é o que o senhor vai ver	271	Zé Bebelo-Joca Ramiro	Aquele que tem autoridade como chefe.
“O senhor pediu julgamento...”	275	Joca Ramiro-Zé Bebelo	Aquele que tem autoridade como chefe.
“o senhor pode ser fuzilado”	276	Joca Ramiro-Zé Bebelo	Aquele que tem autoridade como chefe.
“O senhor sabia, lá para cima”	276	Joca Ramiro-Zé Bebelo	Aquele que tem autoridade como chefe.
– “O senhor veio querendo desnortear, desencaminhar os sertanejos de seu costume velho de lei...”	276	Joca Ramiro-Zé Bebelo	Aquele que tem autoridade como chefe.
– “O senhor não é do sertão. Não é da terra...”	276	Joca Ramiro-Zé Bebelo	Aquele que tem autoridade como chefe.
– “Apraz ao senhor , compadre Ricardão?”	283	Joca Ramiro- Ricardão	Aquele que tem autoridade como chefe.
– “Compadre Joca Ramiro, o senhor é o chefe. O que a gente viu, o senhor vê, o que a gente sabe o senhor sabe. [...] o senhor sabe, bem compadre Chefe. (...) Nós todos, até o senhor mesmo, sei lá.	284	Ricardão-Joca Ramiro	Aquele que tem autoridade como chefe.
Senhor de bofe bruto, sapateou, de arrompe: os de perto se afastando, depressa, por a ele darem espaço.	291	Riobaldo- Interlocutor	Pessoa nobre distinta. Referência catafórica ao Sô Candelário
– “... Altas artes que agradeço, senhor chefe Joca Ramiro, este sincero julgamento, esta bizarria...”	294	Zé Bebelo-Joca Ramiro	Aquele que tem autoridade como chefe.
O senhor reconhece?	296	Joca Ramiro-Zé Bebelo	Aquele que tem autoridade como chefe.
“Bem. Se eu consentir o senhor ir-se embora para Goiás, o senhor põe a palavra, e vai?”	297	Joca Ramiro-Zé Bebelo	Aquele que tem autoridade como chefe.
“A palavra e vou, Chefe. Só solicito que o senhor determine minha ida em modo correto, como competence.”	297	Zé Bebelo-Joca Ramiro	Aquele que tem autoridade como chefe.
o senhor me fornecendo animal-de sela arreado	297	Zé Bebelo-Joca Ramiro	Aquele que tem autoridade como chefe.
E nós entramos, depois que o patrão nos saudou, em nome de Nosso Senhor Cristo Jesus	322	Riobaldo- Interlocutor	Ser Supremo, Deus, Cristo.
Senhor de muito respeito	334	Riobaldo-	Pessoa nobre ou distinta. Referência catafórica a

		Interlocutor	Marcelino Pampa
“Agora coage tua cisma, que eu estou senhor dos meus projetos.	337	Zé Bebelo-Riobaldo	Estar senhor de si mesmo.
“O senhor dá paz à gente, Chefe?”	338	Boiadeiro-Zé Zebelo	Aquele que tem autoridade como chefe.
Os bilhetes – missiva para o senhor oficial comandante das forças militares (...)	345	Zé Bebelo-oficial comandante	Título honorífico.
– “A pois... Por que é que o senhor não se assina, ao pé: <i>Zé Bebelo Vaz Ramiro</i> ... como o senhor outrora mesmo declarou?...”	348	Riobaldo-Zé Bebelo	Aquele que tem autoridade como chefe.
– “O senhor, chefe, o senhor é amigo dos soldados do Governo...”	350	Riobaldo-Zé Bebelo	Aquele que tem autoridade como chefe.
“É. Mas se o senhor se reengraçar com os soldados, o Governo lhe repraz e lhe premeia. O senhor é da política. Pois não é?”	351	Riobaldo-Zé Bebelo	Aquele que tem autoridade como chefe.
“Ao assistir o senhor , sua bizarrice... O senhor é atirador!”	361	Salústio-Riobaldo	Tratamento cerimonioso ou respeitoso dispensado aos homens
“É. Eu vou, com o senhor , e o urucuiano Salústio vem comigo. Vou com o senhor , e esse urucuiano Salústio vem comigo, mas é na hora da situação...”	365	Riobaldo-Zé Bebelo	Aquele que tem autoridade como chefe.
Sou a coisinha nenhuma, o senhor sabe? Sou o nada coisinha mesma nenhuma de nada, o menorzinho de todos. O senhor sabe?	366	Riobaldo para Zé Bebelo	Aquele que tem autoridade como chefe.
eu senhor de certeza nenhuma.	370	Riobaldo-interlocutor	Dono, proprietário. Riobaldo referindo-se a si próprio.
– “Com sua licença dada, e nos usos, estou trazendo estas palavras, Seô Chefe, que para repetir ao senhor fui mandado: [...] se o senhor há de estar ou não de acordo, me dando a resposta que queira dar, para eu levar para os meus chefes...”	375	Rodrigues Peludo-Zé Bebelo	Aquele que tem autoridade como chefe.
Agora, meu braço ofereço, Chefe. A por tudo quanto, se sepreponha o senhor de me aceitar...”(...) “Estou na regra, tio mano, que na regra estou, como senhor de minhas ações, contra quem eu seja.	380	Lacrau-Zé Bebelo	Aquele que tem autoridade como chefe.
– “Guirigó... Minha graça é essa... Sou filho de Zé Cância, seu criado, sim senhor ...”	412	Guirigó-Zé Bebelo	Aquele que tem autoridade como chefe.
– “O quê qu’ a gente veio caçar, sim senhor ? Eles vieram, eu também vim... Buscar de comer...”	412	Guirigó- Zé Bebelo	Aquele que tem autoridade como chefe.
E favor, de sobra, nós já devemos ao senhor pela pousada em suas terras [...]	429	Zé Bebelo-Seo Habão	Aquele que possui algo, dono, proprietário.
“Duvidar, seô Habão, o senhor conhece meu pai, fazendeiro Senhor Coronel Selorico Mendes, do São Gregório?!”	432	Riobaldo-Seo Habão	Aquele que possui algo, dono, proprietário.
“Se este praz ao senhor ... Se ele praz ao senhor ... Lhe dou, amigavelmente, com bom agrado: assim como ele está, moço, ele é seu...”	446	Seo Habão-Riobaldo	Aquele que tem autoridade como chefe.

- “O senhor , agora...” – eu quis dizer.	454	Riobaldo-Zé Bebelo	Aquele que tem autoridade como chefe.
“Seô Habão, o senhor escute, o senhor cumpra: pega este mimo, zelando com os dedos todos de suas mãos... já e já, o senhor viaje, num bom animal, siga rumo dos Buritis Altos	457	Riobaldo-Seo Habão	Amo, proprietário
se eu não prazia de enviar por ele algum recado também para o senhor meu pai	459	Seo Habão-Riobaldo	Homem mais velho, trat. respeitoso.
“O senhor vá logo, logo, de rota abatida... E de lá não quero nenhuma resposta...”	459	Riobaldo-Seo Habão	Amo, proprietário
“Estou no meu canto, cá, meu senhor ... Estou me acostumando com o momentozinho de minha morte...”	462	Boromeu-Riobaldo	Aquele que tem autoridade como chefe.
“Ah, meu senhor , eu sei é pedir muitas esmolos...”	462	Boromeu-Riobaldo	Aquele que tem autoridade como chefe.
“De todas as coisas, boniteza melhor é dessa faquinha enterçada, de metal, que o senhor travessa na cintura...”	464	Guirigó-Riobaldo	Aquele que tem autoridade como chefe.
“Aqui, o senhor , meu senhor, os senhores estão nos andares do rio Urucuia...”	480	Vaqueiro-Riobaldo	Aquele que tem autoridade como chefe.
E o fazendeiro, senhor dali, de dentro saiu, veio saudar, convidar para a hospedagem, me deu grandes recebimentos.	468	sobre Seo Ornelas grande fazendeiro	Amo, proprietário
“Dou todo respeito, meu senhor. Mas a gente vamos carecer de uns cavalos...”	468	Riobaldo-Seo Ornelas	Amo, proprietário
“O senhor , meu chefe, requer e merece, e com gosto eu cedo...”	468	Seo Ornelas-Riobaldo	Aquele que tem autoridade como chefe.
“O senhor tem noção de quem Zé Bebelo é?”	474	Riobaldo-Seo Ornelas	Amo, proprietário
“Zé Bebelo? Pode ser, não digo... Mas figuro que, esse nome, nunca ouvi, não, meu senhor ...”	474	Seo Ornelas-Riobaldo	Aquele que tem autoridade como chefe.
O qual é que é, aqui, mó que pergunte, por osséquio, o senhor doutor delegado?	476	homem- delegado	Homem indeterminado
“A pois, boa noite o senhor tenha, Chefe, com um aprazível amanhecer...”	477	Seo Ornelas-Riobaldo	Aquele que tem autoridade como chefe.
“Aqui, o senhor , meu senhor, os senhores estão nos andares do rio Urucuia...”	480	Vaqueiro-Riobaldo	Aquele que tem autoridade como chefe.
tinha sido o que aconteci com um sujeito senhor , um que disse se chamar nhô Constâncio Alves, que topamos no Chapéu-do-Boi.	485	Riobaldo-Interlocutor	Homem meio-idoso
“Se sendo que o senhor é de minha terra, a pois: conheceu um homem que se chamava Gramacedo? Será, o senhor é parente dele?”	488	Riobado-Nho Constancio	Pronome de tratamento
- “ Senhor mata? Senhor vai matar?”	489	Guirigó-Riobaldo	Aquele que tem autoridade como chefe.

Eu era senhor dali e daqui: eu falando, ficava sendo.	493	Riobaldo-Interlocutor	Pessoa que exerce poder, dominação.
“Nosso Chefe, com vênica eu peço: o senhor aceite de eu pagar em dinheiro o preço deste inocente animal, que seja poupado...”	495	Fafafa-Riobaldo	Aquele que tem autoridade como chefe.
“A isso, meio acontecidos, Chefe... A conforme a gente carece, praz vosso respeito, senhor , sim...”	513	Diodato-Riobaldo	Aquele que tem autoridade como chefe.
“Ah, senhor sim, nas beiras... Roças do rio São Marcos, senhor sim, no Esparramado... Fazenda duma Dona Mogiana...”	514	Diodato-Riobaldo	Aquele que tem autoridade como chefe.
“Ara, senhor , sim...”	515	Diodato-Riobaldo	Aquele que tem autoridade como chefe.
“Sertão não é malino nem caridoso, mano oh mano!: – ... ele tira ou dá, ou agrada ou amarga, ao senhor , conforme o senhor mesmo.”	537	Homem dos “cabelos de ventania”-Riobaldo	Aquele que tem autoridade como chefe.
“Ademais o senhor prove o de que demais gostará..	555	Do-Zabudo-Riobaldo	Aquele que tem autoridade como chefe.
“Seô Ricardão, o senhor saia para fora!”	573	Riobaldo-Ricardão	Aquele que tem autoridade como chefe.
“Seô Ricardão, o senhor se saia!...”	573	Riobaldo-Ricardão	Aquele que tem autoridade como chefe.
<i>O senhor não fala sério!</i>	593	Diadorim-Riobaldo	Aquele que tem autoridade como chefe.
“O senhor acha que a minha alma eu vendi, pactário?!”	623	Riobaldo-Quelemém	Tratamento respeitoso, cerimonioso